

EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS
APOSTAS MORTAIS

TRADUÇÃO
Petê Rissatti



Dedico esta terceira vitória editorial aos editores que me ajudaram nesta jornada: a Ben Bova, Ted White e Adele Leone; a David G. Hartwell, Ellen Datlow e Ann Patty; a Betsy Mitchell, Jim Frenkel e Ellen Couch; à memória de Larry Herndon e ao Texas Trio; e, claro, a Shawna e Lou, que reconheceram a mão vencedora quando a viram.

NOTA DO AUTOR

Wild Cards é uma obra de ficção ambientada em um mundo completamente imaginário, cuja história corre paralelamente à nossa. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados em Wild Cards são ficcionais ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência. Por exemplo, os ensaios, artigos e outros textos incluídos nesta antologia são inteiramente ficcionais, e não há qualquer intenção de retratar autores reais ou insinuar que qualquer pessoa possa realmente ter escrito, publicado ou contribuído com os textos ficcionais aqui incluídos.

PRÓLOGO

Tem o Mardi Gras em Nova Orleans, o Carnaval no Rio, *fiestas*, festivais e Dia dos Fundadores às centenas. Os irlandeses têm o Dia de São Patrício; os italianos, o Dia de Colombo; os Estados Unidos, o Quatro de Julho. A história é cheia de desfiles com pessoas fantasiadas, máscaras e orgias, cerimônias religiosas e extravagâncias patrióticas.

O Dia do Wild Card é um pouco de tudo isso e muito mais.

Em 15 de setembro de 1946, no frio entardecer de Manhattan, Jetboy morreu e o xenovírus takisiano — conhecido informalmente como Wild Card — foi espalhado sobre o mundo.

Não está claro quando exatamente a observação da data começou, mas, até o fim dos anos 1960, aqueles que sentiram o toque do Wild Card e viveram para contar, os curingas e ases da cidade de Nova York, já a tinham adotado como o seu dia.

Quinze de setembro tornou-se o Dia do Wild Card. Um dia de celebração e lamento, de luto e alegria, de lembrar os mortos e festejar os vivos. Um dia de fogos de artifício, feiras de rua e paradas, bailes de máscaras e discursos políticos, além de banquetes memoráveis, um dia para beber, fazer amor e brigar nos becos. Com o passar dos anos, as festividades se tornaram maiores e mais entusiasmadas. Tavernas, restaurantes e hospitais bateram

recordes de movimentação, a mídia começou a noticiar e, finalmente, como era claro que aconteceria, os turistas chegaram.

Uma vez ao ano, sem sanção ou lei, o Dia do Wild Card engolia o Bairro dos Curingas e a cidade de Nova York, e o carnaval do caos dominava as ruas.

Quinze de setembro de 1986 foi o quadragésimo aniversário.

1

6h

Estava tão escuro como sempre na Quinta Avenida, e tão quieto como de costume.

Jennifer Maloy olhou para as luzes das ruas e para o fluxo contínuo do tráfego, apertando os lábios com impaciência. Não gostava de toda aquela luz e agitação, mas não havia muito que pudesse fazer quanto a isso. Afinal, era a esquina da Quinta Avenida com a 73rd Street, na cidade que nunca dorme. O local estivera igualmente agitado nas últimas manhãs que ela passara verificando a área, e não tinha nenhum motivo para esperar que as condições melhorassem.

Com as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo, ela andava a passos largos, passando pelo prédio residencial cinzento de cinco andares e esgueirando-se para dentro do beco atrás dele. Ali estava escuro e silencioso. Ela entrou em uma área do beco protegida por uma caçamba de lixo e sorriu.

Não importava quantas vezes já tivesse feito aquilo, pensou, ainda era empolgante. O pulso acelerava e ela respirava mais rápido pela expectativa, enquanto vestia um capuz que obscurecia as feições delicadas e escondia a massa de cabelos loiros presos em

um coque atrás da cabeça. Tirou o casaco, dobrou-o com cuidado e deixou-o no chão ao lado da caçamba. Embaixo dele, usava apenas um pequeno biquíni preto e tênis de corrida. Seu corpo era esguio e com músculos graciosos, seios pequenos, quadris estreitos e longas pernas. Ela se curvou, desamarrou e tirou os tênis, deixando ao lado do casaco.

Correu a mão quase carinhosamente sobre a parede traseira do prédio cinzento, sorriu e então a atravessou.

Era o som de uma serra elétrica contra madeira de lei encharcada. O lamento dos dentes de ferro fazia os dentes de Jack doerem enquanto lutava para se esconder cada vez mais no labirinto de ciprestes.

— Ele está aqui em algum lugar! — Era o tio Jacques. O pessoal lá em Atelier Parish o chamava de Jake Serpente. Pelas costas.

O garoto mordeu o lábio para evitar gritar. Mordeu com mais força, sentindo o gosto de sangue, para evitar a *mudança*. Às vezes funcionava. Às vezes.

A serra de aço chiou no cipreste molhado de novo. O garoto se agachou; a água turva, salobra, espirrou na sua boca e no nariz. Ele engasgou quando o esguicho acertou o seu rosto.

— Eu te falei! Aquela isca de jacaré bem ali. Peguem ele.

Outras vozes surgiram. A lâmina da serra elétrica soou mais uma vez.

Jack Robicheaux debateu-se na escuridão, uma das mãos agarrada ao lençol suado, a outra se estendendo para o telefone. Acertou o abajur Tiffany que se chocou contra a parede. Praguejando, ele conseguiu agarrar a base de pétalas e galhos e

firmá-la novamente no criado-mudo, então sentiu a lisura fria do telefone. Puxou o fone no meio do quarto toque.

Então começou a xingar novamente. Quem diabos tinha aquele número? Nômada, mas ela estava em outro quarto, ali em sua casa. Mas antes que pudesse aproximar a boca do fone, ele soube.

— Jack? — souo do outro lado da linha. A estática da chamada de longa distância enfraqueceu o som por um segundo. — Jack, aqui é Elouette. Estou ligando de Louisiana.

Ele sorriu na escuridão.

— Imaginei que fosse você. — Ele apertou o interruptor do abajur, mas nada aconteceu. O filamento da lâmpada devia ter quebrado quando o abajur tombou.

— Nunca tinha ligado para tão longe antes — disse Elouette. — Robert sempre discava. — Robert era seu marido.

— Que horas são? — quis saber Jack. Ele tateou, procurando o relógio.

— Quase cinco da manhã — sua irmã respondeu.

— O que houve? É a mãe? — Ele enfim despertou completamente, livrando-se dos fragmentos do sonho.

— Não, Jack. A mãe está bem. Nunca vai acontecer nada com ela. Vai enterrar nós dois.

— Então, o que foi? — Ele reconheceu a agudeza na voz dela e tentou baixar o tom. Só que as palavras de Elouette eram muito lentas, e seus pensamentos, demorados.

O silêncio, pontuado pelas explosões da estática, dilatava-se na linha. Finalmente, Elouette disse:

— É minha filha.

— Cordelia? O que tem ela? O que aconteceu?

Outro silêncio.

— Ela fugiu.

Jack teve uma sensação estranha. Afinal, *ele* fugira também, todos aqueles anos atrás. Fugiu quando era muito mais novo que Cordelia. Quantos anos ela teria agora, quinze? Dezesesseis?

— Me conta o que aconteceu — falou, tranquilizador.

Elouette contou. Cordelia (segundo ela) quase não deu sinais. A garota não havia descido para o café da manhã no dia anterior. Maquiagem, roupas, dinheiro e uma bolsa de viagem também haviam sumido. O pai verificou com os amigos de Cordelia. Não eram muitos. Ligou para o xerife. As patrulhas foram avisadas. Ninguém a vira. Segundo os policiais, a hipótese mais provável era que Cordelia tivesse pegado carona na rodovia.

O xerife tinha balançado a cabeça, com tristeza.

— Uma garota como ela... Bem, é para se preocupar.

Ele fez o que pôde, mas tudo levava um tempo precioso. Finalmente, o pai de Cordelia foi quem descobriu alguma coisa. Uma garota com os mesmos traços (“A coisinha mais linda que vi em um mês”, o homem do guichê disse) e cabelos pretos, longos e abundantes (“Pretos como céu de lua nova”, disse um porteiro) havia pegado um ônibus em Baton Rouge.

— Foi o intermunicipal — Elouette disse. — Passagem de ida para Nova York. Quando conseguimos descobrir, a polícia disse que já não era muito prático tentar pará-lo em Nova Jersey. — A voz dela vacilou levemente, como se quisesse chorar.

— Vai ficar tudo bem — Jack falou. — Quando ela deve chegar aqui?

— Por volta das sete — disse Elouette. — Sete no horário daí.

— *Merde.* — Jack balançou as pernas para fora da cama e sentou-se na escuridão.

— Você pode ir lá por mim, Jack? Pode encontrá-la?

— Claro — ele respondeu. — Mas tenho que sair agora para Port Authority, ou não vai dar tempo.

— Obrigada — Elouette disse. — Você me liga assim que encontrar com ela?

— Ligo. Daí vamos ver o que fazer. Agora preciso ir, ok?

— Tudo bem. Vou estar aqui. Talvez Robert tenha voltado também. — A confiança encheu a voz da mulher. — Obrigada, Jack.

Ele desligou o telefone e tropeçou pelo quarto. Encontrou o interruptor na parede e, finalmente, conseguiu enxergar no cômodo sem janelas. O uniforme do dia anterior estava espalhado sobre a bancada rústica. Jack vestiu o jeans puído e a camisa de algodão verde. Fez careta para as meias de trabalho fedorentas, mas eram tudo o que tinha. Como era seu dia de folga, havia planejado passar em uma lavanderia. Amarrou as botas de bico de ferro rapidamente, pulando ilhoses.

Quando abriu a porta que levava ao restante da casa, Nômada, os dois gatos imensos, um grupo de gatinhos e um guaxinim estavam todos na porta, encarando-o em silêncio. Na penumbra da sala de estar iluminada por abajures, Jack percebeu o brilho dos cabelos castanho-escuros de Nômada e seus olhos ainda mais escuros, as maçãs do rosto salientes, sombreadas, a brancura da pele.

— Jesus, Maria, José! — ele falou, dando um passo para trás. — Não me assuste desse jeito. — Ele recuperou o fôlego e sentiu a pele dura e granulada nas costas de sua mão ficar suave novamente.

— Foi sem querer — respondeu Nômada. O gato preto esfregou-se na perna de Jack. As costas aninharam-se na patela do homem. Seu ronronar soava como um moedor de café contente. — Ouvi o telefone. Tudo bem?

— Eu te conto no caminho até a porta.

Ele fez um resumo para Nômada enquanto parava na cozinha para decantar o resto da borra do café do dia anterior em um copo de isopor que levaria consigo.

Nômada tocou seu pulso.

— Quer que a gente vá junto? Em um dia como este, alguns olhos a mais podem ser valiosos em uma rodoviária.

Jack negou com a cabeça.

— Não vai ter problema. É uma menina de dezesseis anos que nunca esteve em uma cidade grande antes. Só assistiu muita TV, a mãe dela disse. Vou estar lá, na porta do ônibus, para recebê-la.

— Ela sabe disso? — Nômada perguntou.

Jack parou para fazer um carinho rápido atrás das orelhas do gato preto. A tricolor miou e aproximou-se para ter sua chance.

— Não. Provavelmente ela ia me ligar assim que chegasse aqui. É só para economizar tempo.

— A oferta ainda está de pé.

— Vou estar com ela aqui para o café da manhã antes que você perceba. — Jack fez uma pausa. — Ou talvez não. Ela vai querer conversar, então talvez eu a leve para o Automat. Não tem nada parecido lá em Atelier. — Ele se ergueu e os gatos gemeram, decepcionados. — Além disso, você tem um encontro com Rosemary, certo?

Nômada anuiu de um jeito incerto.

— Às nove.

— Não se preocupe. Talvez a gente possa almoçar todo mundo junto. Dependendo da baderna lá no centro, talvez a gente pegue alguma coisa pra viagem em um restaurante coreano e faça um piquenique na balsa para Staten Island.

Ele se curvou na direção da mulher e deu um beijo rápido em sua testa. Antes que ela pudesse erguer as mãos para pegar seus braços e devolver o beijo, ele havia saído. Porta afora. Fora de sua percepção.

— Droga — ela resmungou. Os gatos ergueram os olhos para ela, confusos, mas solidários. O guaxinim abraçou seu tornozelo.

Jennifer Maloy deslizou por dois andares do prédio como um fantasma, sem perturbar nada nem ninguém, sem ser vista ou ouvida. Sabia que o prédio havia se transformado em um condomínio algum tempo atrás, e o que ela queria estava no mais alto dos três andares que eram de propriedade de um empresário rico com o infeliz nome de Kien Phuc. Ele era vietnamita. Proprietário de uma rede de restaurantes e lavanderias a seco. Ao menos era o que diziam no segmento da *New York Style* que ela havia visto no canal de TV aberta, o PBS, duas semanas antes. Jennifer realmente gostava daquele programa, que levava seus espectadores para visitas a lares pomposos e estilosos da classe alta da cidade. Ele apresentou-lhe infinitas possibilidades e toneladas de informações úteis.

Ela flutuou através do terceiro andar, onde ficavam os empregados de Kien. Não tinha ideia do que havia no quarto andar, pois ele fora ignorado pelas câmeras de televisão, de forma que ela

o pulou e seguiu para os aposentos de Kien, na cobertura. Ele vivia sozinho lá, em oito cômodos de luxo ostensivo e uma opulência quase decadente. Jennifer nunca havia imaginado que lavanderias e restaurantes chineses pudessem dar tanto dinheiro.

Estava escuro e silencioso no quinto andar. Ela evitou o quarto com cama redonda e espelhos no teto (um pouco brega, ela pensou quando viu na tv), e as telas de seda fabulosas pintadas à mão. Deixou para trás a sala de estar em estilo velho oeste, com seu Buda de bronze de dois mil anos de olhar benigno, posto em um lugar de honra próximo a uma central de entretenimento eletrônico completa, com televisão de tela ampla, videocassete e tocador de CD com estantes de fitas de vídeo e áudio e discos. Ela queria o escritório.

Ali estava escuro também, como o restante do andar, e ela se assustou quando viu uma figura vaga, sombria, espreitando além da mesa de madeira de teca que dominava a parede do fundo do cômodo. Embora não fosse suscetível a ataques físicos enquanto estivesse em sua forma fantasma, não estava imune à surpresa, e aquela figura não havia sido filmada pelas câmeras do *New York Style*.

Rapidamente ela desapareceu dentro de uma parede próxima, mas a figura não se moveu ou mesmo mostrou qualquer sinal de que a havia percebido. Com cuidado, ela deslizou novamente para dentro do escritório e ficou aliviada e impressionada ao perceber que a coisa era uma estátua grande de terracota, com mais de um metro e oitenta, de um guerreiro oriental. O trabalho de arte na peça era deslumbrante. Feições faciais, roupas, armas, tudo moldado com delicadeza refinada de detalhes. Era como se um

homem vivo tivesse virado argila, sido cozido em uma fornalha para dar acabamento perfeito e então preservado através dos milênios, até terminar no escritório de Kien. Seu respeito pela riqueza — e influência — de Kien subiu mais um ponto. A figura era sem dúvida autêntica — Kien deixou claro durante a entrevista que ele não lidava com imitações — e, pelo que ela sabia, as estátuas de terracota de dois mil e duzentos anos que protegiam a tumba do imperador Qin Shi Huang, o primeiro imperador da dinastia Qin e unificador da China, eram absolutamente inacessíveis a colecionadores de arte particulares. Kien devia ter se embrenhado em façanhas consideráveis de truques e propinas para obtê-la.

Era uma peça de valor fantástico, mas Jennifer sabia que era muito grande para levá-la e, provavelmente, única demais para contrabandear.

Sentiu uma onda repentina de tontura ondular através de sua forma insubstancial e, rapidamente, voltou à forma sólida. Não gostava daquela sensação. Acontecia quando ultrapassava os limites, como um aviso de que havia ficado tempo demais incorpórea. Não sabia o que aconteceria se permanecesse como espectro por muito tempo. Nunca quis descobrir.

Em carne e osso agora, ela olhou ao redor da sala. Estava repleta de mostruários contendo a coleção de jades de Kien, a mais bela, extensa e valiosa coleção no mundo ocidental. Kien teve seu perfil retratado no *New York Style* por conta delas, e era por elas que Jennifer estava ali. Por algumas delas, pelo menos. Sabia que não poderia pegar todas, mesmo que fizesse uma dúzia de viagens de volta ao beco, porque sua capacidade de tornar massa externa

insubstancial era limitada. Poderia transformar em fantasmas apenas poucas pedras de jade por vez. Mas poucas, realmente, era tudo o que ela precisava.

Contudo, antes de começar com as jades, havia outra coisa que precisava fazer. A textura do tapete felpudo parecia muito sensual sob seus pés descalços, ela deslizou em torno da mesa de teca quase tão quieta quanto se estivesse insubstancial, e parou diante da gravura de Hokusai pendurada na parede atrás dela.

Atrás da gravura, ou assim disse Kien, havia um cofre de parede. Ele o mencionou, pois, como disse, era absolutamente, cem por cento, total e irrevogavelmente à prova de roubo. Nenhum ladrão conhecia o suficiente de microcircuitos para burlar sua trava eletrônica, e ele era forte o bastante para resistir a um ataque físico, exceto o de uma bomba poderosa o bastante para levar abaixo o prédio todo junto. Ninguém, nunca, em momento algum, poderia arrombá-lo. Kien, que parecia muito presunçoso ao dizer tudo isso, evidentemente era um homem que gostava de se vangloriar.

Um sorriso perverso surgiu em seu rosto enquanto ela se perguntava que riquezas Kien havia escondido em seu cofre high-tech, então Jennifer desmaterializou seu braço direito e atravessou a mão pela gravura e pela porta de aço atrás dela.

Ele fez um malabarismo com ela nos braços enquanto pegava a chave e finalmente destrancava a porta.

- Idiota, me bota no chão pra você poder abrir a porta.
- Não, vou te carregar pra dentro.
- Nós nem casamos.
- Ainda — ele disse e deu um sorrisinho, olhando para ela.

O ângulo dela, reclinada em seus braços, intensificava a deformidade no pescoço dele, e fazia a cabeça do homem parecer uma bola de beisebol encarapitada em um pedestal. Tirando aquele pescoço — um legado do Wild Card —, ele era um homem até bonito. Cabelo castanho curto, começando a ficar grisalho nas têmporas, olhos castanhos joviais, queixo forte — um belo rosto.

Ele atravessou a porta e pousou-a no chão.

— Meu castelo. Espero que goste.

O lugar deixava claro as origens proletárias do homem. Sofá utilitário, cadeira reclinável diante da televisão, uma pilha de *Reader's Digest* na mesa de centro, uma pintura a óleo grande e mal executada de um barco singrando mares anormalmente agitados. O tipo de pintura que alguém encontraria em vendas de artistas famintos em hotéis Hilton.

Porém, era escrupulosamente limpo, e com um toque que parecia não ter muito a ver com um homem tão grande e forte: uma fileira de violetas africanas multicoloridas alinhadas nos parapeitos das janelas.

— Roleta, não passo uma noite toda fora desde meu baile de formatura do colégio.

— Só imagino o que você ficou fazendo.

Ele corou.

— Ei, eu era um bom menino católico.

— Minha mãe sempre me alertou sobre bons garotos católicos.

Ele entrou e envolveu a cintura dela com os braços musculosos.

— Não sou mais *tão* bom.

— Espero que esteja falando da sua moral e não do seu desempenho, Stan.

— Roleta!

— Santinho — provocou ela.

Ele roçou o nariz em seu pescoço e mordiscou-lhe a orelha, e Roleta ponderou novamente sobre a natureza aleatória do Wild Card que tinha atingido aquele “operário” tão comum e feito dele mais que humano.

Ela esticou o braço e deslizou as mãos pelas laterais de seu pescoço inchado.

— Nunca te incomoda?

— Ser o Uivador? Caramba, nunca. Ele me torna especial e eu sempre quis ser especial. Deixava meu velho maluco. Ele sempre me disse para nunca querer voar alto demais, para não querer ser mais do que podia. Ficaria surpreso agora. Ei. — Ele esticou a mão, pegando uma lágrima com a ponta de um dos seus dedos grossos.

— Por que está chorando?

— Nada. Eu só... achei triste.

— Ah, pare com isso. Vou mostrar como meu desempenho pode ser bom.

— Antes do café da manhã? — ela perguntou, tentando atrasar o inevitável.

— Claro, vai abrir nosso apetite.

Ela o seguiu resignadamente até o quarto.

Jennifer tateou dentro do cofre e tocou algo que parecia uma pilha de moedas aninhadas em uma bolsinha. Tentou transformar em fantasma uma das moedas e franziu o cenho quando ela permaneceu sólida.

Provavelmente ouro, ela pensou. *Krugerrands ou Maple Leafs canadenses.*

Era difícil desmaterializar materiais densos como metal, em especial o ouro. Exigia um nível mais profundo de concentração e um empenho maior de energia. Decidiu deixar as moedas onde estavam por ora e continuou a explorar o cofre.

A mão acarinhou um objeto liso e retangular que se desmaterializou muito mais facilmente do que a moeda. Puxou três pequenos cadernos através da parede e, incapaz de ver detalhes na escuridão, ligou a pequena luminária retrátil que estava sobre a mesa de teca. Dois deles, ela conseguia ver, tinham capas pretas lisas. O terceiro tinha uma capa de tecido azul com estampa de bambu. Ela folheou o primeiro caderno da pilha.

Retângulos de papel brilhantes e coloridos estavam enfiados em fileiras de bolsos nas páginas grossas do caderno. Selos. Os da fileira superior pareciam ser britânicos, mas traziam palavras em outro idioma e a data de 1922 estampada neles. Curvou-se para examiná-los mais de perto e congelou quando um som mínimo veio de algum lugar fora do cone de luz que iluminava parte da mesa.

Ela ergueu o olhar e não viu nada. Com os olhos agora acostumados à luz, ela virou a luminária, iluminando além do alcance da mesa.

E congelou, o coração subitamente na garganta.

No canto extremo da mesa havia um jarro de vinte litros, do tamanho de um garrafão de água. Só que o jarro era de vidro, não de plástico, e não estava conectado a nada. Estava em uma base plana no canto da mesa, abrigando algo que flutuava dentro dele.

Tinha pouco mais que trinta centímetros, com pele verde, lisa e algumas rugas. Flutuava com a cabeça fora d'água, os dedos das mãos ligados por membranas apertados contra o vidro, olhos humanos em um rosto estreito encarando Jennifer. Se encararam por um longo momento e então a coisa abriu a boca e deu um grito em uma voz aguda, chorosa:

— Kiennnnnn! Ladrãããããão! Ladrãããããão!

O *New York Style* não disse nada sobre Kien ter um cão de guarda curinga batráquio, Jennifer pensou sem refletir muito quando as luzes se acenderam nos outros cômodos. Ela ouviu sons de agitação em outras partes do condomínio, e o curinga no jarro de vidro continuava a gritar “Kien” em uma voz ululante que parecia perpassar o ouvido e perfurar diretamente o cérebro.

Concentre-se, disse a si mesma, *concentre-se ou a ladra ousada, a autodenominada Espectral, será capturada e exposta como Jennifer Maloy, bibliotecária da Biblioteca Pública de Nova York*. Ela perderia o emprego e iria para a cadeia, com certeza. E o que sua mãe pensaria?

Houve movimento na porta e alguém acendeu a luz do escritório. Jennifer viu um curinga alto, magro, de feições reptilianas que chiou para ela, sua língua bifurcada e longa rolando e se estendendo até um comprimento impossível. O curinga ergueu uma pistola e atirou. O alvo foi preciso, mas a bala ricocheteou inofensiva parede afora. Jennifer rapidamente afundou no assoalho com os três cadernos agarrados ao peito.

Quando Jack saiu, Nômada começou seu ritual matinal, ainda usando o roupão com estampa de tigre que ele havia lhe dado.

Sentando-se de volta na poltrona bem estofada de veludo vermelho, fechou os olhos e localizou as criaturas com as quais compartilhava sua vida. A gata tricolor alimentava os filhotes, enquanto o gato preto os protegia. O guaxinim dormia com a cabeça recostada em seus tornozelos. Estava cansado depois de uma noite rondando os aposentos vitorianos de Jack. Nômada esperava que ele não tivesse quebrado nada importante. Tinha estabelecido defesas na cabeça do guaxinim, alertando-o sobre os pertences de Jack. Ultimamente, elas vinham se provando bastante eficazes, mas ela nunca esqueceria a briga que teve com Jack quando o guaxinim retirou cada um dos quadrinhos do Pogo da estante.

Esticando a mão para acariciar o guaxinim, ela expandiu sua consciência até a cidade. Era fácil agora, um ritual de despertar — embora cada vez mais, quando não estava perto de Jack, Nômada mantivesse um cronograma noturno. Por anos manteve um relacionamento um tanto casual com ele, aparecendo apenas quando o tempo estava extremamente ruim ou em dias como aquele, quando estranhos resolviam ir até onde normalmente eram medrosos demais para se aventurar. Quando Jack estava em casa, ela ficava por mais tempo. Se ele saía, ela mudava de esconderijo. Ultimamente, no entanto, começou a procurar a companhia dele com mais frequência, encontrando desculpas para visitá-lo. Jack e Rosemary tornaram-se muito importantes para ela, de maneiras que não era capaz de definir. Levou anos para confiar neles, mas assim que concedeu aquela confiança, era assustadoramente fácil contar que eles estariam ali para ajudá-la. Ela balançou a cabeça com raiva, irritada por estar distraída com pensamentos sobre

coisas que não estavam sob seu controle, e perdendo os rastros das criaturas que estavam.

Parecia mais natural agora acordar e sentir as dores de suas criaturas. Sua mente movia-se entre ratos nos túneis, toupeiras, coelhos, gambás, esquilos, pombos e outros pássaros. Contava o número de mortes da noite. Sempre havia muitos que não sobreviviam. Tinha aprendido que não havia escapatória para as vítimas. Muitas morriam para alimentar animais predatórios; outros eram mortos por homens. No passado ela tentou salvá-los, proteger a presa dos predadores. Aquilo quase a deixou insana novamente. O ciclo natural de vida, morte e nascimento era mais forte do que ela, e assim Nômada começou a trabalhar de acordo com ele. Os animais morriam; outros viriam ocupar seus lugares. Apenas a interferência humana podia prejudicar esse ritmo. Não conseguia controlar os seres humanos ainda. Logo, tocou os habitantes do zoológico. O ódio pelas jaulas coloriu sua impressão. *Um dia*, prometeu aos prisioneiros do zoológico novamente. *Um dia...*

Uma pata morna em sua bochecha a trouxe de volta. O gato preto, com seus dezoito quilos deitados no peito dela. Quando os olhos de Nômada se abriram, ele lhe lambeu o nariz. Ela estendeu a mão e acariciou-o atrás da orelha.

Havia um toque grisalho em seu focinho agora, mas ele ainda se movimentava como um gato jovem na maioria dos dias. Enviou-lhe a sensação calorosa que ela imaginava ser amor. Ele ronronou e mandou para ela a imagem da tricolor mantendo os gatos longe da mobília vitoriana de Jack. Se não fossem vigiados, os gatinhos fariam das pernas “pata de leão” perfeitos arranhadores.

Bem, velho amigo, Jack me rejeitou de novo a noite passada. O que você acha que é o problema? A questão subvocalizada recebeu apenas um olhar inquiridor do gato no início, mas então ele enviou a imagem de uma centena das criaturas de Nômada ao redor dela.

Sim, eu sei que vocês estão todos comigo, mas de vez em quando eu quero a companhia de outro ser humano. Ela criou a imagem do preto e da tricolor juntos, como um casal. O preto devolveu a visão com uma imagem dela ao lado de um gato em tamanho humano. Nômada assentiu com a cabeça, enquanto observava os gatinhos brincarem. *Não é meu tipo, infelizmente.*

Ela se perguntou por que Jack se recusava a dormir com ela. Sua frustração e a falta de compreensão começavam a se transformar em raiva. Tinha começado no último ano. Toda vez que brincava com os filhotes, sentia uma lacuna na própria vida.

O sentimento a enervava, mas ela não conseguia negá-lo. Recentemente, procurara Jack em busca de conforto, mas, para variar, ele fugiu dela. Resolveu não perguntar novamente.

Sem as camadas de sujeira e roupas antiquíssimas que a protegiam do mundo exterior, ela sabia que era atraente. Para poupar o embaraço da outra amiga, Rosemary, aprendeu a se vestir em raras ocasiões de uma forma aceitável. Contudo, nunca se sentia bem. Aqueles eram momentos nos quais estava realmente disfarçada e, portanto, odiava-os. Talvez tivesse se envolvido demais com Jack e Rosemary. Talvez fosse hora de ir para o subterrâneo novamente.

O gato preto seguiu o tom dos pensamentos dela, mesmo que Nômada não conseguisse traduzir seus significados abstratos.

Acrescentou sua aprovação sobre romper os laços com seres humanos, enviando uma imagem de alguns dos antigos refúgios.

Mas não hoje. Hoje preciso passar para ver Rosemary. Nômada ergueu-se da poltrona e caminhou até as pilhas de roupas velhas, sujas e disformes que compunham a maior parte do seu guarda-roupa. O gato preto e dois filhotes a seguiram.

Não, vocês ficam aqui. Jack pode querer saber onde estou. Além disso, já é difícil o suficiente eu entrar no escritório dela sem vocês comigo. Ela mudou sua atenção. *Casaco azul ou jaqueta verde exército?*

Havia treze velas pretas no quarto. Conforme queimavam, a cera ficava da cor de sangue fresco e escorria pelos lados. Então o quarto foi ficando cinza aos poucos e os círculos iluminados começaram a se desfazer e diminuir.

— Sabe que horas são?

Fortunato olhou para cima. Veronica estava parada ao seu lado, usando uma calcinha de algodão rosa-shocking e camiseta rasgada, os braços cruzados sobre os seios.

— Quase de manhã — respondeu ele.

— Você vem para a cama? — Ela inclinou a cabeça e ondas de cabelos pretos caíram sobre o rosto.

— Mais tarde, talvez. Não fique parada desse jeito, sua barriga fica saliente.

— Claro, ó sensei. — O sarcasmo era leve, infantil. Segundos depois ele ouviu a porta do banheiro ser trancada. Se não fosse filha de Miranda, pensou, ele a teria mandado de volta para as ruas semanas atrás.

Ele se esticou, encarou por alguns segundos as nuvens sombrias que se formavam no céu, a leste. Então, voltou ao trabalho a sua frente.

Cobriu a estrela de cinco pontas no chão com o tatame, e sobre ele deitou o Espelho de Hathor. Tinha trinta centímetros de comprimento, com uma imagem da divindade onde o cabo encontrava o disco solar. Os chifres de vaca da deusa faziam-na parecer um pouco um bobo da corte medieval. O espelho era feito de latão, a frente reflexiva para clarividência, as costas arranhadas para rebater ataques inimigos. Ele o comprara de um velho hippie em East Village e passara os últimos dois dias purificando-o com rituais de todas as nove divindades maiores.

Nos últimos meses, cada vez mais ele se descobria incapaz de pensar em outra coisa que não fosse seu inimigo, aquele que se denominava Astrônomo, que comandara uma vasta rede de maçons egípcios até Fortunato e os outros destruírem o ninho que ele havia feito no Mosteiro. O Astrônomo fugira, mas a coisa maligna que ele trouxera do espaço não. Os meses de silêncio somente deixaram Fortunato mais e mais temeroso.

O Ritual do Não Nascido, os Acrósticos de Abramelin, as Esferas da Cabala, toda a *Mágicka* ocidental o haviam esgotado. Precisava usar a própria *Mágicka* do Astrônomo contra ele. Tinha de encontrá-lo, de alguma forma, apesar dos bloqueios que o tornavam invisível para Fortunato.

O truque para a *Mágicka* egípcia — a verdadeira, não a versão deturpada e sanguinária do Astrônomo — era encontrá-la em sua reverência aos animais. Fortunato passou a vida inteira em Manhattan, primeiro no Harlem, depois no centro, assim que pôde

pagar por isso. Para ele, animais eram poodles que deixavam sua merda nas calçadas ou caricaturas apáticas, fedorentas, que passavam a vida dormindo no zoológico. Nunca havia gostado deles, tampouco os entendia.

Aquela era uma atitude que não podia mais manter. Deixou Veronica trazer sua gata para o apartamento, uma gata tigrada gorda e vaidosa chamada Liz, em homenagem à estrela do cinema. No momento a gata dormia sobre suas pernas cruzadas, as garras presas à seda do seu robe. O sistema de valores primitivo do gato era uma porta de entrada para o universo egípcio.

Ele pegou o espelho. Sua mente estava quase na frequência correta. Observou seu reflexo: rosto magro, pele morena um pouco manchada pela falta de sono, testa inchada com *rasa*, o poder tântrico do esperma retido. Aos poucos, suas feições começaram a amolecer e escorrer.

Ouviu um som vindo do banheiro, um soluço abafado, e sua concentração foi interrompida. E então, em vez do Astrônomo, estava olhando para o espelho e vendo Veronica. Ela estava sentada na privada, calcinhas no tornozelo. Na mão esquerda, um espelho de bolso, na direita, um pedaço pequeno de um canudo de refrigerante. Ela moveu a cabeça, esfregando a bochecha contra o ombro.

Ele pousou o Espelho de Hathor de volta no tatame. A droga não o surpreendia; o que o espantava era ela fazer aquilo ali, bem ali, no seu apartamento. Ele tirou a gata do colo, apesar dos protestos dela, e foi até o banheiro. Abriu a tranca com a mente e chutou a porta. Veronica ergueu a cabeça, culpada.

— Ei — ela falou.

— Pegue suas tralhas e vá embora — disse Fortunato.

— É só um pouco de pó, cara.

— Pelo amor de Deus, quão estúpido você acha que eu sou? Acha que não reconheço heroína quando vejo? Quanto tempo você está nessa merda?

Ela deu de ombros e soltou o espelho e o canudo em sua bolsa aberta. Levantou-se, quase tropeçou, então viu os pés enroscados na calcinha. Equilibrou-se no armário de toalhas enquanto a vestia e fechava a bolsa.

— Uns meses — ela falou. — Mas não estou metida em nada. Faço só de vez em quando. Desculpa.

Fortunato deixou-a passar.

— Qual é o seu problema? Não se importa com o que está fazendo a si mesma?

— Me importar? Eu sou uma maldita prostituta, por que eu deveria me importar?

— Você não é prostituta, porra, você é uma gueixa. — Ele a seguiu pelo banheiro. — Você é inteligente, tem classe e...

— Gueixa bosta nenhuma — ela disse, sentando pesadamente na beirada da cama. — Eu transo com caras por dinheiro. Essa é a verdade. — Ela enfiou a perna na meia-calça, a unha do dedão desfiando o lado direito inteiro da meia. — Você gosta de se enganar com toda essa merda de gueixa, mas gueixas de verdade não trepam por dinheiro. Você é cafetão e eu sou puta, e é isso o que é.

Antes que Fortunato pudesse responder, alguém esmurrou a porta do apartamento. Linhas de tensão e urgência irradiaram do corredor, mas nada ameaçador. Nada que não pudesse esperar.

— Eu não me meto com drogados — ele falou.

— Não? Não me faça rir. Metade das garotas do seu grupo dá uma cheirada de vez em quando. Cinco ou seis se injetam. Timaço.

— Quem? A Caroline...

— Não, sua queridinha Caroline é careta. Não que você fosse saber, se não fosse. Você não sabe o que está rolando.

— Não acredito em você. Não posso...

Houve um som de arranhão na porta e ela se abriu. Um homem chamado Brennan estava em pé na soleira, com uma lâmina de plástico na mão. Na outra estava uma pasta de couro um pouco grande demais. Nela, Fortunato sabia, havia um arco de caça desmontado e uma aljava de flechas de ponta larga.

— Fortunato, desculpe, mas eu... — Seus olhos voltaram-se para Veronica, que havia tirado a camiseta e cobria os seios com as mãos.

— Olá — ela disse. — Quer me comer? Só precisa ter dinheiro. — Ela apertou os bicos dos seios com as pontas dos dedos e lambeu os lábios. — Quanto você tem aí? Dois dólares? Um e cinquenta? — Lágrimas corriam dos olhos dela e um fio de muco escorreu do nariz.

— Cale a boca — Fortunato ameaçou. — Cale essa sua boca!

— Por que não me bate? — ela falou. — É isso que um cafetão faz, não é?

Fortunato olhou para Brennan.

— Talvez você devesse voltar mais tarde — ele falou.

— Não sei se posso esperar — Brennan alertou. — É o Astrônomo.

2

7h

Quando finalmente chegou ao terminal de ônibus de Port Authority, Jack desejou ter pegado seu carro elétrico de manutenção dos trilhos e acelerado pela cidade brincando de amarelinha com os trens. *Mas que inferno*, ele pensou enquanto subia as escadas para as plataformas de passageiros da estação da prefeitura — e era *feriado*. Não queria pensar no trabalho. O que queria fazer mais do que qualquer outra coisa era pegar todas as roupas lavadas, ler alguns capítulos do novo romance do Stephen King, *The Cannibals*, e talvez caminhar até o Central Park, com Nômada e os gatos, e comer um cachorro-quente barato.

Mas então o expresso da 7th Avenue para o centro da cidade freou na estação, e pareceu uma boa ideia embarcar. Enquanto o trem seguia a toda a velocidade através de Tribeca, Village e Chelsea, Jack observou pelas janelas manchadas que as estações pareciam terrivelmente cheias para um feriado — ao menos para aquele horário, tão cedo.

Quando desceu na Times Square e caminhou um quarteirão a oeste sob os túneis azulejados abaixo da 42nd, ouviu de passagem um guarda de trânsito dizendo com desgosto ao parceiro: “Espere

até dar uma olhada na superfície. Parece um cruzamento entre férias de julho em Lauderdale e o zoológico do Bronx”.

Ele saiu do subterrâneo para a Eighth Avenue, emergindo do forte cheiro matutino de desinfetante que mal disfarçava o fedor de vômito. Para Jack, os pedestres pareciam com os de qualquer manhã em um dia de semana na hora do rush, exceto que a maioria parecia bem jovem, e os ternos cinzentos haviam sido substituídos por trajes mais espalhafatosos.

Jack pulou para o meio-fio para evitar dar de cara com um trio cambaleante de garotos adolescentes — normais, pela aparência — que vestiam chapéus ultrajantes de espuma. Os chapéus imitavam tentáculos, beiços caídos, pernas segmentadas, chifres, olhos derretendo e outros apêndices menos apetitosos que sacudiam e balançavam com os movimentos de quem os vestia.

Um dos garotos colocava os polegares nas bochechas e mexia os dedos para os transeuntes.

— Uga buga — ele gritava. — Nós, mutantes! Nós, maus!

Seus camaradas gargalhavam ruidosamente.

Um quarteirão adiante, Jack passou por um dos camelôs que vendiam os chapéus de espuma.

— Ei! — o vendedor gritou. — Ei, venha cá, venha. Não precisa ser curinga pra parecer um. É a sua chance de parecer um. Está a fim?

Jack balançou a cabeça em silêncio, coçou as costas da mão e continuou sua caminhada.

— Ei! — o homem gritou a outro cliente em potencial. — Vamos ser curingas por um dia! Amanhã pode voltar a ser você mesmo!

Jack balançou a cabeça. Não tinha certeza se era melhor seguir em frente, amargurado, ou voltar e rasgar a garganta do vendedor de chapéus. Olhou para o relógio. Cinco para as sete. O ônibus estaria chegando. A vida do vendedor estava a salvo por ora.

O prédio de Port Authority era uma grande mancha cinza mais escura no cinza frio da manhã de Manhattan. Jack percebeu que a maior parte do movimento era de pessoas saindo do local. Aquilo o lembrava de um apartamento da Avenue A após os dedetizadores explodirem suas bombas químicas — um êxodo de baratas cobrindo cada saída.

Lutou para chegar até uma das portas principais, ignorando os homens grosseiros que o importunavam: “Ei, cara, quer um táxi? Quer uma acompanhante no seu ônibus?”. A maioria das lojas na alameda interior estava trancada e escura, mas as lanchonetes funcionavam a todo vapor. Jack olhou para o relógio novamente. 7h02. Em um dia comum, teria parado para apreciar a imensa escultura cinética “42nd St. Carousel”, uma caixa de vidro que encerrava uma máquina de Rube Goldberg, maravilhosa e musical, mas não havia tempo. Aliás, faltava tempo.

Ele verificou a plataforma de chegada. O ônibus que queria estava chegando em um portão três andares acima. *Merde!* As escadas rolantes estavam quebradas e a maior parte dos pedestres as descia. Jack seguiu desviando pelos lances de metal estáticos acima, sentindo-se como um salmão lutando rio acima para a desova.

Apenas uma pequena corrente da maré humana que chegava parecia ser o tipo de gente que em geral vinha a Manhattan de ônibus. A maioria parecia ser turistas — Jack se perguntou se essas

muitas pessoas de fato estariam vindo para a cidade para aquele feriado em particular — ou eram curingas. Jack observou, com ironia, que os normais eram obrigados, pelas restrições de escadas e degraus, a se aproximar mais que o desejado dos curingas.

Então, alguém acotovelou-o dolorosamente nas costelas e a oportunidade para reflexão acabou. Quando chegou ao terceiro nível e saiu do meio da multidão que desembarcava, Jack sentiu como se tivesse usado tanta energia quanto ele normalmente queimaria subindo até a coroa da Estátua da Liberdade.

Alguém trombou com ele e lhe deu um tapa nas costas.

— Preste atenção, idiota — ele disse, sem rancor e sem olhar.

Encontrou a área do portão que queria. Estava lotada. Era como se ao menos meia dúzia de ônibus houvesse chegado e desembarcado simultaneamente. Embrenhou-se na confusão, sem rumo, e seguiu para o número de portão correto. Parou para permitir que um grupo de freiras passasse por ele na perpendicular. Um curinga grande com pele encouraçada e presas que saíam dos lábios inferiores tentou empurrar as freiras.

— Saíam da frente, pinguins! — reclamava.

Outro curinga, com olhos castanhos de cachorrinho e feridas que pareciam estigma na palma das mãos se irritou com aquilo. A gritaria estava prestes a evoluir para algo mais violento. Naturalmente, uma multidão cada vez maior de espectadores parou para admirar.

Jack tentou se desviar da balbúrdia. Tropeçou em alguém aparentemente normal, que o empurrou de volta.

— Desculpe!

O normal tinha mais de um metro e oitenta e era proporcionalmente musculoso.

— Sai fora.

E então Jack a viu. Era Cordelia. Tinha toda a certeza do mundo, embora nunca a tivesse visto antes. Elouette mandara fotos no Natal anterior, mas as imagens não faziam justiça à jovem. Olhando para Cordelia, Jack pensou que era como olhar para sua irmã três décadas mais nova. Sua sobrinha usava jeans e um pulôver. O pulôver era rubro e desbotado com letras em amarelo gritante que soletravam FERRIC JAGGER. Jack reconheceu o nome, mesmo que não tivesse tanto interesse assim em bandas de heavy metal. Conseguiu também identificar uma espécie de padrão feito de raios, uma espada, e o que parecia uma suástica.

Cordelia estava a cerca de dez metros de distância, no outro lado do fluxo denso de passageiros em desembarque. Segurava uma mala surrada de estampa floral com uma das mãos e uma bolsa de couro com a outra. Um hispânico alto, magro, com roupas caras, estava tentando ajudá-la com a bagagem. Jack suspeitava de imediato de qualquer estranho solícito vestindo um terno púrpura listrado, chapéu de lado e um casaco com gola de pele que parecia de foca-harpa.

— Ei! — Jack gritou. — Cordelia! Aqui! Sou eu, Jack!

Claro que ela não o ouviu. Para Jack, era como ver televisão, ou talvez olhar pelo lado errado de um telescópio. Não conseguiu atrair a atenção de Cordelia. Com o ruído do terminal, ônibus acionando motores, a algazarra em massa da multidão, suas palavras não atravessariam a distância entre eles.

O homem pegou a mala. Jack gritou, desesperado. Cordelia sorriu. Então, o homem pôs as mãos nos ombros dela e a conduziu para a saída mais próxima.

— Não! — Foi alto o suficiente para que até mesmo Cordelia virasse a cabeça. Ela pareceu confusa por um instante, antes de continuar na direção da saída, a pedido do seu guia.

Jack proferiu um impropério e começou a puxar e a empurrar as pessoas para fora do caminho, enquanto tentava cruzar a área de espera. Freiras, curingas, delinquentes, vagabundos, não importava. Ao menos não até ele deparar com um curinga grandalhão que tinha mais ou menos o formato, e com certeza metade do peso, de um fusca.

— Indo pra algum lugar? — quis saber o curinga.

— Sim — disse Jack, tentando passar por ele.

— Vim lá de Santa Fé para isso. Sempre ouvi que o povo daqui era grosseiro.

Um punho do tamanho de duas fatias de torrada agarrou a lapela da camisa de Jack. O hálito fétido o fez pensar em um banheiro público após a hora do rush.

— Desculpe — Jack falou. — Olha só, tenho que achar minha sobrinha antes que o filho da puta de um cafetão a leve embora daqui.

O curinga olhou para ele por um longo momento.

— Eu posso abrir caminho — ele falou. — Como na tv, certo? — O homem soltou Jack e escoltou-o como se rodeasse o flanco de uma montanha.

Cordelia se fora. O homem vestido com elegância que a guiava também tinha desaparecido. Jack tomou o caminho pelo qual os

dois provavelmente haviam saído. Conseguiu ver centenas de pessoas, principalmente as partes de trás de suas cabeças, mas ninguém parecido com a sobrinha.

Ele hesitou apenas um segundo. Havia oito milhões de pessoas naquela cidade. Não tinha ideia de quantos turistas e curingas de todas as partes do mundo haviam inundado Manhattan para o Dia do Wild Card. Mais milhões, provavelmente. Tudo que ele precisava encontrar era uma garota de dezesseis anos do interior da Louisiana.

Naquele momento, tudo dependia do instinto. Sem pensar mais, Jack seguiu para as escadas rolantes. Talvez os pegasse antes de o homem e Cordelia saírem. Mas, se não, ele simplesmente teria de encontrá-la na rua.

Não quis pensar no que falaria para sua irmã.

Spector não havia dormido. Agarrou o frasco âmbar de comprimidos no criado-mudo e jogou-os no lixo. Tinha de encontrar algo mais forte.

A dor estava sempre lá, como o cheiro de fumaça em um bar vagabundo. A luz da manhã fazia o apartamento parecer ainda mais cinzento do que o normal. Havia mobiliado o conjugado com lixo barato tirado de casas de penhores e lojas de segunda mão.

O telefone tocou.

— Alô.

— Sr. Spector? — A voz tinha o tom refinado de alguém de Boston. Spector não a reconheceu.

— Sim. Quem fala?

— Meu nome não importa, ao menos por ora.

— Certo. — Estavam fazendo o jogo do sigilo com ele, mas a maioria das pessoas fazia. — Então, por que está me ligando? O que você quer?

— Um conhecido em comum chamado Gruber comentou que o senhor tem certas habilidades únicas. Um cliente meu gostaria de contratá-lo, inicialmente como *freelance*.

Spector coçou o pescoço.

— Acho que sei o que está insinuando. Se for algum tipo de armadilha, você vai morrer. Se for legítimo, tem um custo.

— Obviamente. Talvez o senhor tenha ouvido falar da Sociedade do Punho Sombrio? Poderia ser muito lucrativo para o senhor trabalhar dentro dessa organização. No entanto, eles são cuidadosos e exigiriam uma demonstração primeiro. Hoje pela manhã seria muito em cima da hora?

Corria o boato de que a Sociedade do Punho Sombrio era dirigida pelo novo e desconhecido senhor do crime da cidade. Estavam fazendo forte pressão sobre os chefes de gangues mais antigas. Spector se sentiria bem em casa no banho de sangue que se aproximava.

— Não tenho nada para fazer. O que tem em mente?

— Algo sem muita importância para nós. — Ele fez uma pausa. — O sr. Gruber parece ter bons conhecimentos sobre o senhor, e ele é muitíssimo discreto.

— Por mim, tudo bem.

— Esteja na Times Square às 11h30. Se ficarmos convencidos de que o senhor atende aos nossos objetivos, será contatado.

— E o dinheiro? — Spector ouviu um chiado no outro lado da linha.

— Será negociado depois. Se o senhor me der licença, tenho outra questão para resolver. Adeus, sr. Spector.

Spector encaixou o fone no gancho. Sorriu. Gruber não era um dos seus favoritos. Nunca pagou a ninguém um preço justo pelos serviços. Matar um contrabandista ganancioso seria uma espécie de utilidade pública.

Ele caminhou nu até o banheiro e olhou para o espelho. Seu cabelo castanho oleoso precisava ser lavado e o bigode já passava do lábio superior. Tirando isso, parecia o mesmo desde o dia em que havia morrido. O dia em que Tachyon o trouxera de volta. Spector imaginou se agora sua vida seria eterna. Naquele momento, realmente não se importava. Ele esticou a língua para fora. O reflexo não fez o mesmo, mas sorriu para ele.

— Não se preocupe, Ceifador — disse o rosto dele no espelho. — Você ainda pode morrer. — E riu.

Ele voltou ao quarto. O ar estava frio. Houve um som alto e crepitante. Spector correu em direção à sala de estar, mas a porta do quarto bateu-lhe no rosto. Sentiu o cheiro de ozônio.

— Muito bem, muito bem, Ceifador. Quero ter uma conversinha com você. — Spector reconhecia a voz agora. Virou-se. A projeção do Astrônomo estava sentada na cama. Vestia um roupão preto cinturado com um cordão feito de cabelos humanos. Seu corpo debilitado estava mais ereto do que o normal, mostrando que seus poderes estavam recarregados. Ele estava coberto de sangue.

— O que você quer? — Spector teve medo. O Astrônomo era uma das poucas pessoas nas quais seu poder não funcionava.

— Sabe que dia é hoje?

— Dia do Wild Card. Todo mundo sabe disso. — Spector pegou as calças de veludo cotelê do chão.

— Sim, mas também é outra coisa. O Dia do Juízo Final. — Astrônomo entrelaçou os dedos.

— Dia do Juízo Final? — Spector vestiu as calças. — Do que você está falando?

— Daqueles desgraçados que arruinaram meu plano. Se meteram em nosso verdadeiro destino. Impediram que dominássemos o mundo. — Os olhos do Astrônomo reluziam. Havia uma loucura neles que nem mesmo Spector tinha visto antes. — Mas há outros mundos. Este aqui não esquecerá tão cedo do meu tiro de misericórdia nos malditos que ficaram no meu caminho.

— Tartaruga. Tachyon. Fortunato. Você vai atrás *desses* caras? — Spector bateu palmas suavemente. — Que bom.

— No fim do dia, todos estarão mortos. E você, meu caro Ceifador, vai me ajudar.

— Nem pensar. Fiz seu trabalho sujo antes, mas agora não. Você me deixou para trás e não vou te dar outra chance.

— Não quero te matar, então vou dar a você a oportunidade de mudar de ideia. — Um arco-íris de luzes coloridas começou a rodear o Astrônomo.

— Foda-se, cara. — Spector sacudiu o punho. — Não vai me fazer de trouxa de novo.

— Não? Então, acho que vou te fazer de defunto. Junto com todo o resto. — O Astrônomo assumiu uma cabeça de chacal. Ele abriu a boca e sangue escuro e fumegante escorreu dela para o chão acarpetado. Ele uivou. O prédio balançou com o som. Spector tapou os ouvidos e foi ao chão.

Fortunato ligou para Caroline ir cuidar de Veronica. Caroline poderia levá-la para a casa da mãe dele, o endereço comercial oficial da agência de acompanhantes. Caroline e mais ou menos meia dúzia de outras mulheres viviam lá. Ele enfiou Veronica em suas roupas e então deixou-a balançando a cabeça no sofá da sala de estar.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Brennan.

— Duvido.

— Sei que não é da minha conta, mas você não foi um pouco duro demais com ela?

— Tudo sob controle — respondeu Fortunato.

— Claro que sim — retrucou Brennan. — Nunca disse que não estava.

Os dois ficaram frente a frente e se encararam por alguns segundos. Como Yeoman, Brennan provavelmente era o único dos paramilitares disfarçados que corriam soltos por Nova York em quem Fortunato confiava. Em parte, porque Brennan ainda era um ser humano, não afetado pelo Wild Card. Em parte, porque ele e Fortunato haviam passado por umas merdas sérias juntos, dentro de um alienígena monstruoso que algumas pessoas chamaram de o Enxame.

O Astrônomo o chamava de TIAMAT e usara uma máquina chamada dispositivo Shakti para trazê-lo à Terra. Fortunato destruiu a máquina, mas foi tarde demais. O alienígena já havia chegado e centenas de milhares de pessoas em todo o mundo morreram por causa dele.

— O que há com o Astrônomo? — Fortunato quis saber.

— Conhece um cara que todo mundo chama de Morsa? Jube, o jornaleiro?

Fortunato deu de ombros.

— Já vi por aí, eu acho.

— Ele viu o Astrônomo no Bairro dos Curingas esta manhã. Falou com Crisálida sobre isso, ela comentou comigo.

— Quanto isso te custou?

— Nada. Eu sei, não é a cara dela. Mas até Crisálida está com medo do cara.

— De onde esse Morsa conhece o Astrônomo?

— Não sei.

— Então, temos um relato de segunda mão vindo de uma testemunha não confiável e uma pista incerta?

— Calma aí, cara. Eu tentei telefonar. A operadora me disse que o telefone estava ocupado ou fora do gancho. Não é nem problema meu. Vim aqui para ajudar.

Fortunato lançou um olhar para o Espelho de Hathor. Poderia levar o dia todo para purificá-lo e conseguir se concentrar o suficiente para tentar novamente. Enquanto isso, se o Astrônomo *tivesse mesmo* saído da toca, poderia haver problemas.

— Tudo bem, está certo. Deixe eu só cuidar desse assunto aqui e então vamos dar uma olhada.

Enquanto Fortunato se vestia para sair, Caroline chegou. Mesmo com o cabelo em tranças loiras e curtas, vestindo um velho pulôver e jeans, Fortunato a achava atraente.

Não parecia nem um pouco mais velha do que sete anos atrás, quando ele a contratara. Tinha um rosto infantil e um corpo compacto, energético, em que cada músculo parecia estar sob seu

controle voluntário. Fortunato amava todas as suas mulheres, mas Caroline era especial. Aprendeu tudo o que ele pôde lhe ensinar — etiqueta, idiomas, gastronomia, massagem —, mas sua essência nunca mudara. Ele nunca conseguira dominá-la de verdade, e, talvez por esse motivo, ela ainda conseguisse lhe dar mais prazer na cama do que qualquer uma das outras.

Ele a beijou rapidamente ao deixar que entrasse. Desejou poder levá-la para o quarto e deixar que ela lhe desse uma dose de força tântrica. Mas não havia tempo.

— O que você quer fazer com ela? — Caroline quis saber.

— Ela tem um encontro hoje à noite?

— Hoje é Dia do Wild Card. Todo mundo tem um encontro hoje. O meu deve terminar até a meia-noite, e posso precisar sair de novo se chegar em casa cedo demais.

— Fique de olho nela. Deixe ela sair se parecer que está tudo bem. Mas a mantenha longe das drogas. Vejo o que fazer mais tarde.

Ela olhou para Yeoman.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada para se preocupar, ligo para você mais tarde.

Ele a beijou de novo e observou-a levar Veronica até o táxi que aguardava. Então olhou para Brennan e disse:

— Vamos.

— Isto aqui é ou não é uma senhora lagosta? — perguntou Guelra. Ele a ergueu para a inspeção de Hiram, e a lagosta agitou suas garras debilmente. As pinças estavam amarradas, e algumas faixas de algas cobriam o casco verde rígido.

— Uma lagosta de respeito — concordou Hiram Worchester. — Todas são grandes assim?

— Esta aqui é uma das pequenas — falou Guelra.

O curinga tinha uma pele esverdeada e sarapintada, e fendas de guelras nas bochechas que se abriam quando ele sorria, mostrando a carne vermelha e úmida atrás delas. As guelras não funcionavam, claro; se funcionassem, o velho peixeiro teria sido um ás em vez de um curinga.

Lá fora, o amanhecer ainda se derramava sobre a Fulton Street, mas o mercado de peixes já estava agitado. Peixeiros e compradores negociavam os preços, carros refrigerados eram carregados, caminhoneiros xingavam-se e homens em aventais brancos engomados rolavam barris pelas calçadas. O cheiro de peixe pairava no ar como um perfume.

Hiram Worchester dava-se ao luxo de ser uma coruja, e durante a maioria dos dias preferia dormir. Mas aquele não era um dia qualquer. Era o Dia do Wild Card, o dia no qual fechava seu restaurante ao público e convidava os ases da cidade para uma festa particular que havia se tornado uma tradição, e ocasiões especiais apresentavam exigências especiais, como sair da cama quando ainda estava escuro lá fora.

Guelra virou-se, devolvendo a lagosta ao barril.

— Quer ver outra? — perguntou ele, afastando um punhado de algas molhadas e tirando uma segunda lagosta para Hiram examinar. Era maior que a primeira e mais agitada. Movia as garras vigorosamente. — Olha como mexe — disse Guelra. — Se isso não é fresca de verdade, não sei o que é.

O sorriso de Hiram foi um breve reluzir de dentes brancos no meio da barba escura e densa. Era muito detalhista sobre a comida que servia no Aces High, e ainda mais no seu Jantar do Wild Card.

— Você nunca me decepciona — disse Hiram. — Essas ficarão deliciosas. Entrega até as onze, eu suponho?

Guelra concordou com a cabeça. A lagosta acenou suas garras para Hiram e olhou para ele mal-humorada. Talvez estivesse prevendo o seu destino. Guelra colocou-a de volta no barril.

— Como está Michael? — perguntou Hiram. — Ainda em Dartmouth?

— Ele ama aquilo lá — disse Guelra. — Ainda é calouro e já está me dizendo como cuidar dos negócios. — Ele fechou o barril novamente. — Quantas você precisa?

Hiram previa mais ou menos cento e cinquenta convidados, com uma margem de erro de doze para menos ou mais — oitenta e poucos ases, cada qual trazendo cônjuge, amante, um convidado. Mas, claro, dificilmente a lagosta seria a única entrada. Mesmo naquela noite especial, Hiram Worchester gostava de apresentar opções aos convidados. Tinha três alternativas planejadas, mas as lagostas pareciam tão esplêndidas que sem dúvida seriam uma opção de sucesso, e era melhor sobrar do que faltar.

A porta abriu-se atrás dele. Ouviu o sino tocar.

— Sessenta, eu acho — falou Hiram, antes de perceber que o Guelra não prestava mais atenção. Os olhos imensos do curinga estavam fixos na porta. Hiram virou-se.

Havia três deles. Usavam jaquetas de couro verde-escuro. Dois pareciam normais. Um deles mal chegava a um metro e meio, com rosto fino e uma arrogância pronunciada. O segundo era alto e

largo, com uma barriga de cerveja que parecia dura feito pedra escapando por cima da fivela de caveira e ossos cruzados do cinto. Tinha a cabeça raspada. O que parecia o líder com certeza era um curinga, um ciclope cujo único olho analisava o mundo através de um monóculo com lente fundo de garrafa. Que estranho, curingas e comuns dificilmente andavam juntos.

O ciclope tirou uma corrente do bolso da jaqueta e começou a enrolá-la no punho. Os outros dois lançavam olhares pelo estabelecimento do Guelra como se fossem donos do lugar. Um começou a chutar a serragem com uma bota pesada e gasta.

— Desculpem — disse Guelra. — Eu tenho... eu... volto logo.

Ele foi até o ciclope, abandonando Hiram por um instante. Do outro lado da sala, dois de seus funcionários curvaram-se e começaram a cochichar. Um terceiro, um curinga que movia a serragem úmida com uma vassoura, encarou os intrusos boquiaberto por um momento e então começou a caminhar para a porta dos fundos.

Guelra estava explicando alguma coisa ao ciclope, gesticulando com as mãos de dedos unidos por membranas, argumentando em um tom baixo e insistente. O jovem olhava para ele com aquele olho único, implacável, e seu rosto era frio e impassível. Continuava enrolando a corrente na mão enquanto Guelra falava com ele.

Hiram franziu o cenho e virou as costas para a cena. Problemas, mas não eram da conta dele, já tinha o bastante para pensar naquele dia. Caminhou pelo corredor coberto de serragem para olhar o carregamento de atum fresco. Os peixes imensos ficavam sobre cada uma das caixas de madeira rústica, olhos vítreos

voltados para ele. *Atum grelhado*, ele pensou. A inspiração trouxe-lhe um sorriso no rosto. LeBarre era um gênio da culinária *cajun*. Não para aquela noite, o cardápio já estava planejado havia semanas, mas o atum grelhado seria um acréscimo excelente ao cardápio regular.

— Foda-se — disse o ciclope do outro lado da sala. — Devia ter pensado nisso uma semana atrás.

— Por favor — falou Guelra em uma voz fina, apavorada. — Só mais uns dias...

O ciclope ergueu um pé sobre um latão de peixes, chutou-o e o lançou para o lado. Peixes brancos espalharam-se pelo chão.

— Não, por favor — repetiu Guelra. Seus empregados já haviam sumido de vista.

Hiram virou-se e caminhou até eles, mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta de forma casual. Para um homem imenso, seu ritmo era surpreendentemente rápido.

— Desculpe-me — falou ele para o ciclope. — Algum problema aqui?

O jovem curinga curvava-se sobre Guelra, que era um homem pequeno e ficava ainda menor encurvado, mas com Hiram Worchester a coisa era diferente. Ele tinha quase um metro e noventa e a maioria das pessoas que olhavam para sua circunferência pensava que pesava cerca de cento e sessenta quilos. Na verdade, era aproximadamente o dobro, mas isso era outra história. O ciclope olhou para Hiram através do seu grosso monóculo e sorriu ironicamente.

— Ei, Guelra — falou ele —, desde quando você está vendendo baleia?

Seus companheiros, que estavam em pé ao lado da porta, tentando parecer entediados e perigosos ao mesmo tempo, chegaram mais perto.

— Olha, é a porra do boneco da Goodyear — disse o baixinho.

— Por favor, Hiram — falou Guelra, tocando seu braço gentilmente. — Eu agradeço, mas... está tudo bem aqui. Esses garotos são... hum... amigos do Michael.

— Fico sempre feliz em conhecer amigos do Michael — falou Hiram, encarando o ciclope. — Mas estou surpreso. Michael sempre teve boas maneiras, e seu amigo aqui não tem nenhuma. Guelra tem dor nas costas, sabia? Você deveria ajudá-lo a recolher esses peixes que derrubou.

O rosto de Guelra pareceu mais verde do que o normal.

— Eu vou limpar — respondeu Guelra. — Chip e Jim podem fazer isso, não... não se preocupe.

— Por que não cai fora, gorducho? — sugeriu o ciclope. Ele deu uma olhada para o rapaz menor. — Cheech, abre a porta para ele. Ajuda o cara a espremer sua bunda imensa por ela até lá fora. — Cheech deu um passo para trás e abriu a porta.

— Guelra — Hiram falou —, acredito que estávamos discutindo as condições dessas lagostas excelentes.

O garoto alto com cabeça raspada falou pela primeira vez.

— Faz ele gritar, Olho — disse em uma voz grave. — Faz ele gritar antes de ir embora.

Hiram Worchester olhou para o rapaz com um nojo genuíno e uma calma que não sentia de verdade. Odiava aquele tipo de coisa, mas às vezes não tinha escolha.

— Vocês estão tentando me intimidar, mas estão apenas me irritando. Duvido muito que sejam de fato amigos de Michael. Sugiro que saiam agora antes que isso vá mais longe e alguém se machuque.

Todos eles riram.

— Lex — disse Olho para o careca —, está quente pra porra aqui: estou suando. Precisamos de ar fresco.

— Vou resfriar já. — falou Lex. Ele olhou ao redor, pegou um barril pequeno com as duas mãos, ergueu acima da cabeça em um único movimento suave e forte ao mesmo tempo e deu um passo na direção da grande vitrine que dava para a Fulton Street.

Hiram Worchester tirou as mãos dos bolsos. Ao seu lado, a mão direita estava curvada em um punho cerrado com força. Um pequeno tique, sem sentido, ele sabia; era a mente que fazia aquilo, não a mão, mas o gesto era tão parte dele quanto seu poder de wild card. Por um instante, viu as ondas gravitacionais nublando o ar ao redor do barril como um mormaço subindo do asfalto quente em um dia de verão.

Então, Lex cambaleou, os braços se dobraram, e um barril de bacalhau salgado que de repente passou a pesar mais de cento e trinta quilos rompeu-se sobre a cabeça dele. Seus pés escorregaram e ele despencou com tudo no chão. O barril despedaçou-se, enterrando Lex em peixes. Peixes muito *pesados*.

Os amigos ficaram olhando sem entender de imediato. Hiram foi para a frente de Guelra rapidamente e empurrou o peixeiro.

— Vá chamar a polícia — disse ele. Guelra recuou devagar.

O baixote, Cheech, tentou puxar Lex de debaixo do barril quebrado. Foi mais difícil do que parecia. O ciclope arfou, então

olhou com raiva de volta para Hiram.

— Você fez aquilo. Você é o Bolão.

— Eu odeio esse apelido — retrucou Hiram. Fechou o punho e o monóculo do Olho ficou mais pesado, caiu do rosto e se estilhaçou no chão.

O ciclope gritou uma obscenidade e lançou-se com os punhos sobre a ampla barriga de Hiram, mas ele desviou. Era muito mais ágil do que parecia; seu tamanho variava, mas mantinha o peso em treze quilos há anos. Olho foi atrás dele, gritando. Hiram se afastou, apertando o punho e tornando o curinga mais pesado a cada passo, até as pernas se dobrarem sob o próprio peso e ele ficar no chão, gemendo.

Cheech foi o último a atacar.

— Seu ás desgraçado — falou ele, e ergueu as mãos diante de si, palmas abertas, um tipo de golpe de caratê, kung fu ou algo assim. Quando saltou, a bota com bico de metal veio pedalando em direção à cabeça de Hiram.

Hiram abaixou-se na serragem. Cheech passou sobre ele e continuou, pesando muito menos do que um momento antes. A força do salto lançou-o com tudo na parede.

Ele bateu, rolou, tentou levantar com um impulso e descobriu que estava tão pesado que não conseguia se erguer.

Hiram levantou-se e limpou a serragem do casaco. Estava desarrumado. Precisaria ir para casa e trocar de roupa antes de ir para o Aces High. Guelra aproximou-se dele, sacudindo a cabeça.

— Chamou a polícia? — perguntou Hiram. O velho assentiu. — Bom. A distorção gravitacional é apenas temporária, sabe? Posso mantê-los presos até a polícia chegar, mas isso me custa muito. —

Ele franziu o cenho. — Também não é saudável para eles. Todo esse peso é um esforço terrível para o coração. — Hiram lançou um olhar para o seu Rolex de ouro. Já passava das sete e meia. — Tenho mesmo que ir para o Aces High. Saco, não precisava dessa loucura, não hoje. Quanto tempo a polícia...

Guelra o interrompeu.

— Vá, pode ir. — Ele empurrou o grandalhão com mãos gentis, insistente. — Eu cuido disso, Hiram. Por favor, vá.

— A polícia vai querer que eu preste queixa.

— Não — falou Guelra. — Eu dou conta. Hiram, eu sei que suas intenções foram as melhores, mas não devia... digo... bem, você não vai entender. Não posso dar queixa. Por favor, vá embora. Fique fora disso. Vai ser melhor.

— Não pode estar falando sério! — Hiram se surpreendeu. — Esses arruaceiros...

— São da minha conta — Guelra terminou a frase por ele. — Por favor, estou pedindo como amigo. Fique fora disso. Vá. Você receberá suas lagostas, lagostas muito boas, eu prometo.

— Mas...

— Vá! — insistiu Guelra.

Os grunhidos roucos e as investidas do quadril dele contra o dela faziam um contraponto ao tique-taque do despertador amarelo-brilhante comprado em uma loja barata, que estava sobre o criado-mudo. Roleta desviou os olhos cor de topázio dos olhos castanhos de Stan, olhou o ponteiro dos segundos correndo suave sobre o mostrador do relógio.

Tempo. O tique-taque de um relógio, o fluxo do sangue conduzido pelas veias pelo inexorável ritmo do coração dela. Fragmentos do tempo. Fragmentos marcando a passagem da vida. No fim das contas, resumia-se a isso. O tempo não respeitava riqueza, tampouco poder, muito menos santidade. Mais cedo ou mais tarde viria e silenciaria aquele pulso contínuo. E ela tinha suas ordens.

Roleta acariciou com suavidade a têmpora de Stan.

Respirou fundo — para reunir vontade e poder —, mas não houve emissão. O ato exigia ódio, e tudo que ela sentia era incerteza. Deixou-se cair de costas na cama e invocou uma imagem de horror. *A agonia do parto, sabendo que terminaria logo, e ela seguraria seu bebê, e toda a dor seria esquecida. Os olhos do médico se arregalando de horror. Parecendo não querer encarar aquela coisa entre suas pernas...*

Sua barriga tensa relaxou subitamente, e um calor adicional fluiu pela sua vagina em uma imitação de desejo enquanto a onda venenosa corria livre. De repente, os olhos do Uivador se arregalaram, a boca se abriu e ele recuou, o pau que inchava com rapidez roçando bruscamente o tecido delicado da vagina com a retirada abrupta. As mãos dele envolveram o membro trêmulo e descolorido de forma protetiva, ele arfou várias vezes e emitiu um grito sufocado. Um fio de saliva escorreu pelo queixo e o espelho da cômoda explodiu em uma cascata de cristal que cobriu a cama com fragmentos de vidro. O som do relógio diminuiu com a propagação do som. O vidro dele estilhaçou-se, congelando os ponteiros, e quando o golpe atingiu as engrenagens internas do relógio, o

alarme deu um pio ínfimo, desanimado, como se reclamasse por sua morte repentina e injusta.

Foi como se um murro acertasse a bochecha direita de Roleta, causando uma contusão em sua pele marrom-clara e arrancando uma gota de sangue do seu ouvido. Um suspiro profundo prendeu-se em sua garganta como um bloco irregular, e um enjoo preencheu seu estômago. A face agonizante do Uivador pairava sobre ela, que sabia que encarava a morte. O peito dele ondeava, os lábios se retraíram deixando os dentes à mostra, e uma onda preto-azulada subia do seu pênis, agora totalmente preto e inchado, na direção da virilha e da barriga.

A manta de cetim embolada não dava firmeza suficiente às pernas trêmulas dela. Sentia como se estivesse nadando em vidro. Com um último impulso desesperado, ela conseguiu ficar de joelhos e envolver com um braço o peito do ás, puxando-o de costas contra si. A outra mão enroscou-se no cabelo empapado de suor do homem e virou a cabeça dele na direção da parede que separava o quarto da sala de estar. Um grito final, de parar o tempo, ecoou até as margens do universo e voltou, e a parede explodiu. O pó de gesso girou em espirais preguiçosas, grudando na garganta e enchendo as narinas. O entulho voou pelo chão da sala de estar, e a parede ao fundo ficou abaulada. Por um instante, Roleta contemplou aquela parede quase ruindo; viu-a cair, viu o casal gordo de classe média baixa no apartamento ao lado olhando, assustado, a paisagem que ela apresentou. Mulher nua segurando homem nu — pau inchado como o de um cavalo, o corpo todo inchando conforme o veneno explodia as células sanguíneas, o rastro de veneno marcado por descolorações preto-azuladas.

Outra convulsão sacudiu o Uivador, mas sua garganta havia inchado, comprimindo as cordas vocais. A pele encharcada de suor de suas costas estava fria e grudada contra os seios achatados dela, e o fedor de urina e fezes liberadas encheu o quarto. Tendo ânsias de vômito, ela o empurrou para longe, arrastou-se para fora da cama e agachou-se no chão, ao lado da cama.

Destruição no Mosteiro. *Ele* tinha dado a entender que fora o Tartaruga quem havia esfarelado as paredes de pedra... *Mas mentiu!* Ele prometera que não haveria risco, mesmo que aquele fosse o primeiro ás que matava. *E ele mentiu.* Ela tocou o ouvido e encarou, fascinada, o sangue ressecado que manchava seus dedos. Uma sensação de traição esgueirou-se através de sua consciência e solidificou-se em fúria. *Ele sabia e não me alertou.* Queria que ela morresse ali? Mas quem mataria Tachyon para ele?

Sirenes lembraram-na do perigo. Estava tão imersa em sua contemplação da morte e da traição que se esquecera da realidade. Ninguém na baixa Manhattan poderia ter deixado de ouvir aquele grito de morte. Estava ficando sem tempo. E se quisesse sobreviver, atingir seu objetivo, não podia ficar ali. Ajeitou os cabelos embaraçados para trás com as mãos, as pérolas mínimas e o vidro embrenhavam-se nas longas madeixas presas nos dedos, repuxando seu escalpo. Pôs a meia-calça e a cinta-liga na bolsa, deslizou no vestido e enfiou os pés nas sandálias de salto.

Uma última olhada em torno da sala arruinada para ver se havia deixado algum traço de sua presença — além do óbvio, claro, o corpo inchado na cama.

Sempre quis ser especial.

Um grito inarticulado irrompeu dela, e Roleta correu para a escada de incêndio. Um salto pontudo prendeu-se no gradil dos degraus de ferro, e com um xingamento ela arrancou o calçado. Segurando um em cada mão, desceu cinco lances até o primeiro andar e baixou a escada de incêndio até o pavimento imundo e cheio de lixo do beco. Vidro de centenas de janelas quebradas espalhavam-se como neve cintilante entre folhas de alface podres, engradados de cerveja vazios, latas fedorentas. O vidro estalou sob seus pés quando ela chegou ao solo, e um estilhaço afundou no calcanhar.

Ela choramingou, arrancou o caco e calçou as sandálias. *Injeção antitetânica, vou precisar de uma antitetânica. Não tomo uma desde aquele mês que passei com Josiah no Peru.*

O pensamento em seu ex-marido deu início a uma série de memórias. Elas avançavam uma para a outra como um trem ganhando impulso. Imagens embaralhando-se e estilhaçando-se como os quadros de um filme de horror, correndo em velocidade dobrada... até não ter restado nenhuma imagem coerente, apenas um borrão indistinto de dor, tristeza e fúria que queimava as entranhas. Sensações que ela sabia que só poderiam ser aliviadas por outra onda como a que ela liberou ao envenenar o Uivador.

Agora estava fora do beco e já na rua. Precisava acertar o tom. Seria suspeito se ela simplesmente ignorasse a imagem que era o pesadelo de qualquer seguradora e o mar de vidro que a rodeava. Ainda assim, não poderia se juntar à multidão boquiaberta que se acotovelava, muitos ainda de pijama e roupão, se reunindo em grupos e observando com olhar abobado a rua coberta de vidro e os carros estacionados com janelas estilhaçadas ou destruídas. Talvez

fosse melhor agir como uma jovem trabalhadora; interessada, mas preocupada em chegar ao trabalho no horário.

Uma viatura de polícia desceu a rua às pressas e freou de repente quando passou por ela, lançando os dois ocupantes para a frente como bonecos de teste para carro. Olhos vazios e injetados varreram-na, e ela se forçou a encarar o olhar suspeito do policial, embora o medo fizesse seu estômago se revirar. Era uma vizinhança com predominância de brancos e, apesar de ela estar vestida com elegância modesta, seu vestido era obviamente de noite.

Putá.

O pensamento passou com clareza no rosto inchado e rosado, e ela sentiu uma agitação raivosa. *Turma de 1970, Universidade de Vassar, mestrado em economia. Não sou prostituta, babaca.* Mas foi cuidadosa em manter sua expressão neutra.

Um homem correu para fora do prédio do Uivador, balançando os braços sobre a cabeça, a boca abrindo e fechando, embora nenhuma palavra pudesse ser ouvida por causa do berro das sirenes. O guarda, distraído, perdeu o interesse em Roleta. Resmungou qualquer coisa ao companheiro e apontou na direção do prédio. O carro prosseguiu, e Roleta forçou-se a continuar sua caminhada.

O medo voltou. Alimentado não pela presença de perseguidores tangíveis que surgiam atrás dela, mas pelo ladrar dos cães da alma que corriam tranquilamente ao seu lado. Esperavam pelo momento em que a dúvida, o horror e a culpa que cresciam a cada morte a sobrepujassem, a dominassem, e então entrariam em cena e a destruiriam. Estavam lá agora — esperando. Ela conseguia ouvi-los. Não os ouvia antes. Estava enlouquecendo. E se matasse

novamente, o que aconteceria? Mas ela precisava. E assassinar Tachyon tornaria até mesmo a loucura suportável.

3

8h

Os leões de pedra que guardavam a escadaria diante da entrada principal da Biblioteca Pública da Cidade de Nova York também poderiam ter tirado o dia de folga. A biblioteca estava fechada, e a escadaria deserta.

Jennifer, depois de ter voltado ao seu apartamento para tomar um café da manhã leve e vestir uma saia preta, blazer preto e blusa branca, esticou a mão e deu um tapinha em um dos leões enquanto passava, em aparente encorajamento pelo trabalho bem-feito. Entrou no prédio com sua chave e, então, trancou a porta atrás de si. As solas do sapato estalavam alto, ecoando assustadoramente no hall enorme da biblioteca.

— Bom dia, srta. Maloy — um velho vestindo um uniforme amarrotado cumprimentou-a enquanto ela passava pela cavernosa sala central na direção de sua escrivaninha, próxima às estantes do primeiro andar.

— Bom dia, Hector.

— Não vai à parada?

O velho era um dos seguranças. Gostava de contar história de quando viu o Jetboy combatendo os zepelins sobre Manhattan,

quando ele era policial, e o que aconteceu nos primeiros momentos da nova era, quando o Wild Card se alastrou e o mundo mudou, de repente e para sempre.

— Mais tarde, talvez — falou ela. Gostava do senhorzinho, mas agora não era hora de ficar presa em suas reminiscências intermináveis. — Tenho trabalho para fazer. Um projeto que quero terminar.

O velho Hector estalou a língua contra a dentadura e balançou a cabeça.

— Está trabalhando demais, srta. Maloy, uma menina bonita desse jeito. Devia sair mais.

— Eu vou. Só pensei que hoje seria um bom dia para terminar esse meu projeto. Com a biblioteca fechada e tudo o mais.

— Entendi. Entendi — disse o velho homem, afável, desaparecendo pelas fileiras escuras de mesas. — Nunca vi uma garota que gostasse tanto de livros e saísse para se divertir tão pouco — murmurou ele, mais para si mesmo.

Jennifer voltou para as estantes, mantendo um olho em Hector para garantir que ele estava em suas rondas inúteis. Seria melhor, ela disse a si mesma, que ele não visse uma das bibliotecárias examinando um catálogo com um par de livros cheio de selos raros na escrivaninha. Bem melhor.

O nível de ruído dentro do Crystal Palace ainda era baixo o bastante para se ouvir as conversas individuais, mas Spector não estava interessado em xeretar. Seguiu direto para o bar, sentou-se e começou a tamborilar com os dedos na madeira polida. Sascha, sozinho atrás do balcão, estava ocupado fazendo um brandy

alexander para uma loira em um vestido vermelho e branco justo de algodão. O rosto sem olhos de Sascha dava arrepios em Spector.

— Ei — disse Spector, alto o suficiente para atrair a atenção de Sascha. — Preciso de um Jack Black duplo.

— Atendo o senhor em um minuto.

Spector assentiu e tirou os cabelos pretos dos olhos. Estava assustado demais para comer, mas sempre conseguia beber. *Merda, ele pensou, eu devia ter concordado com qualquer coisa que ele quisesse. Aquele velho maluco pode me transformar em carne moída.* Ele cobriu a boca com a mão e tentou acalmar sua respiração descontrolada. Olhou ao redor com medo de que o Astrônomo pudesse estar bem atrás dele. Poucas pessoas teriam colhões para começar uma confusão no Crystal Palace, mas o Astrônomo não pensaria nem duas vezes.

Deus, eu não quero mesmo aquele desgraçado atrás de mim. Talvez esteja ocupado demais com outros. Mesmo o Astrônomo terá problemas para pegar todos eles.

— Sua bebida.

Spector sobressaltou-se com a voz de Sascha, então se virou.

— Obrigado.

Ele pescou uma nota de cinco do bolso e jogou-a amassada no balcão. Sascha hesitou por um instante, depois pegou o dinheiro e se afastou.

Spector agarrou o copo e tomou o uísque em um gole só. *Preciso continuar me movendo. Talvez ele não vá me procurar no Brooklin.* Ele riu baixinho para si. *Talvez o próximo presidente seja um curinga.*

O ar estava frio e calmo quando ele saiu do bar. Esfregou as palmas das mãos e desceu rapidamente a rua, na direção da estação de metrô mais próxima.

A primeira vez que ela matou foi por acidente — se algo assim podia ser chamado de acidente —, e mesmo agora ela poderia se justificar, pois grosseirões como Sully realmente não deveriam poder se reproduzir e multiplicar.

Ela havia acabado de perder o emprego. Seus dedos se crisparam e o açúcar e as migalhas da rosquinha velha pularam no prato de plástico. Eles tinham dito que era uma licença, mas ela já sabia. Há semanas os sussurros a assombravam; rastejando pelos cantos das divisórias do escritório, ecoando nos banheiros, deixando uma marca tangível em cada rosto. *Pobrezinha... o marido está se divorciando dela... É verdade?... Ela teve... um monstro?*

Várias amigas grávidas a abandonaram, como se sua simples presença pudesse causar mutação em seus filhos, e o medo era aumentado por um inquietante rumor vindo do Centro de Controle de Doenças de que dois casos anômalos do vírus Wild Card tinham surgido e que poderiam ser explicados apenas se a doença fosse, de fato, contagiosa. Frank foi gentil naquele dia, quando mandou chamá-la a seu escritório, mas muito firme. A presença dela no escritório estava afetando o estado de espírito e a produtividade dos trabalhadores. E ela não precisava de tempo sozinha para lidar com “aquilo que aconteceu”? Então, por que não lhe dar um pouco de tempo?

Semanas depois, quando o dinheiro começou a faltar e seu ânimo estava em baixa, ela encontrou Sully Thornton na porta. Era um

bajulador pequeno e patético que zurrava o tempo todo sobre ser um dos “parceiros de negócios” de Josiah. Roleta nunca o viu fazendo nenhum negócio no tempo que passara em Smallwoods. Em vez disso, concentrava-se em absorver toda a bebida grátis que podia e tentava dar beijos bêbados e molhados nela sempre que a encontrava sozinha. Certa vez, ela lhe deu um tapa, e ele, depois de um risinho relinchado que fazia seu pomo-de-adão saliente sacolejar, explicou, embriagado, que estava apenas “imitando o velho vovô Thornton, com sua fascinação por mulheres de cor. Está no sangue”. *Sim*, ela pensou, *ácida, como sentava a chicotada nos meninos e comia as amas. Bem natural.*

Sully balbuciou algo sobre querer cuidar dela, pois Josiah a tratava muito mal, e perguntou se podia lhe pagar um jantar, e ele tinha ouvido que ela havia perdido o emprego e ela precisava de um “pequeno empréstimo”? Ela entendeu bem o que ele queria e, apesar da aversão pelo homem, aceitou. Estar quebrada arruinava os padrões de uma pessoa.

Mais tarde, naquela noite, enquanto ele estava sobre ela, gemendo e ofegando, ela se lembrou da enorme sensação de alívio quando o bebê nasceu, e então ergueu-se sobre os cotovelos e viu... Não! Então um outro tipo de alívio veio subitamente, e Sully morreu.

Seus devoradores de alma começaram a atormentá-la nas horas seguintes à morte de Sully. E se Judas não a tivesse encontrado, talvez ela tivesse terminado de negociar com a morte. Porém, o cão de guarda do Astrônomo a encontrou e levou-a para o Mosteiro, e o Astrônomo a cutucou bem onde as feridas doíam, nutrindo seu ódio exasperado, prometendo que teria sua vingança final e que,

quando a última morte acontecesse, ele lhe daria a paz — removeria para sempre a memória do seu filho.

O Astrônomo usou-a com moderação, ansioso para mantê-la em segredo e muito eficaz. E ela era eficaz. Aquele marcava o terceiro assassinato que executara para o seu terrível mestre, e cada vez era pior. Engoliu um café do Café Alegria, tentando dissolver o gosto doentio de morte que ainda estava em sua língua.

Dessa vez, ele saberia. Ia perceber sua culpa e dúvida, e reagiria, e ela estava com medo de desapontá-lo. Não. Só estava com medo. Aterrorizada por causa dele. Por causa de seus poderes. Por sua compulsão obsessiva por destruir. Primeiro TIAMAT. Agora, aqueles que lhe negaram a vitória final.

E se ela não voltasse nunca mais?

Não, sem ele não poderia haver a catarse final, nenhuma libertação derradeira das memórias de monstros. Ele podia ficar com todo o resto, mas Tachyon era dela. O alienígena havia destruído sua vida. Ela retribuiria, acabando com a vida dele. Essa era sua obsessão, que a havia unido ao Astrônomo em um enlace profano de ódio e vingança, e era um laço muito mais forte do que o amor.

— Senhora, eu não alugo mesas por hora — grunhiu o proprietário do Café Alegria, que era a prova viva de que o nome do estabelecimento não era praticado da porta para dentro.

Ela jogou o dinheiro sobre a mesa e acabou ficando mais feliz do que irritada com a interrupção. Precisava ir embora.

Para encará-lo.

Normalmente, Hiram gostava de passear pelas ruas da cidade, ver o fluir dos dramas humanos nas calçadas de Manhattan através das janelas foscas do seu Bentley, enquanto o motorista se preocupava com o engarrafamento e com os táxis camicases. Porém, naquele dia, o Bairro dos Curingas e as imediações estariam um caos, pois os curingas tomavam as ruas e milhares de turistas chegavam à cidade para as paradas, feiras de rua, fogos de artifício e outras celebrações que marcavam o Dia do Wild Card.

Para evitar o tráfego, Hiram disse para Anthony pegar a FDR Drive e, mesmo assim, o congestionamento estava um horror. Teria preferido voltar ao apartamento para se trocar, mas não havia tempo. Foram direto para o Empire State Building. Cordas de veludo pendiam diante dos elevadores expressos para o Aces High e em uma placa elegante estava escrito FECHADO PARA FESTA PARTICULAR. Hiram pulou por cima da corda suavemente, nada de mais para um homem que pesava pouco mais de treze quilos, mas algumas sobancelhas sempre se erguiam no lobby. O elevador levou-o direto até o saguão do restaurante.

Quando as portas se abriram, ouviu o *chef* gritar com alguém. O *saucier*, sem dúvida; brigavam o tempo todo. Um faxineiro estava varrendo a chapelaria quando Hiram saiu do elevador.

— Não esqueça de limpar os cinzeiros, Smitty — disse Hiram a ele.

Ele parou por um momento, olhando ao redor da sala. O piso de mármore estava brilhando, tinham acabado de limpar os sofás. Todas as paredes exibiam fotografias emolduradas de celebridades: políticos, estrelas do esporte, símbolos sexuais, socialites, escritores, estrelas de cinema, jornalistas e uma miríade de ases. A

maioria havia autografado mensagens calorosas para Hiram por cima de suas imagens. Parou para arrumar a imagem do senador Hartmann e do Uivador, tirada na noite em que o senador foi reeleito, então irrompeu pelas largas portas duplas do restaurante.

A voz de Paul LeBarre estava muito mais alta ali, mesmo com toda a algazarra. Empregados arrumavam as mesas redondas de banquete para a festa e levavam as mesas normais para o armazém. Equipes de limpeza poliam o piso, o longo balcão curvado do bar e os magníficos candelabros art déco que criavam a atmosfera sofisticada do Aces High. As portas amplas do Terraço do Pôr do Sol estavam abertas para ventilar o salão e por elas soprava aquele vento forte de Nova York. Ao longe, Hiram conseguia ouvir os sons do tráfego e sirenes de polícia.

Curtis, seu *maître* e braço direito, veio até Hiram Worchester com uma dúzia de cartolinas sob o braço. Era um homem negro, alto e magro, de cabelos brancos. À noite, com seu smoking, ficava esplêndido, elegante, até um pouco austero. Naquele momento, vestido com camisa de flanela e calças de algodão pesadas e gastas, parecia apenas nervoso.

— A cozinha está um caos — ele anunciou, rapidamente. — Paul insiste que Miriam arruinou seu molho *hollandaise* especial, e está ameaçando jogá-la do Terraço. Tivemos um pequeno incêndio na cozinha, mas foi apagado, sem danos. A escultura de gelo está atrasada. Seis dos nossos garçons telefonaram dizendo que estão doentes esta manhã. Chamo isso de gripe festiva, complicada pelo fato de que ninguém dá gorjetas nessas festas particulares. Uma bonificação polpuda poderia produzir uma recuperação repentina. O rumor habitual sobre o Menino de Ouro já circulou e eu recebi

três ligações de clientes ansiosos para informar que, se *ele* vier, eles não virão. Ah, e o Digger Downs ligou para dizer que, se ele não puder entrar hoje, a revista *Ases!* nunca mais vai mencionar o restaurante. E como vai sua manhã, Hiram?

Hiram suspirou, passou a mão sobre a cabeça careca em um gesto de ansiedade, um gesto que restara dos dias em que tinha cabelo.

— Fale pro Digger que eu deixo ele entrar se o editor prometer por escrito que nós nunca mais seremos mencionados na *Ases!*. Consiga pra mim seis garçons temporários... não, chame dez, eles não serão tão bons quanto nosso pessoal regular. Não estou preocupado com Paul. Ele nunca jogou ninguém pela janela até hoje.

Ele foi para o escritório a passos largos. Curtis seguiu-o.

— Sempre tem a primeira vez. E o Menino de Ouro?

Hiram fez um som impaciente.

— Todo ano é a mesma coisa e o sr. Braun nunca apareceu. Se ele aparecer, lidaremos com o problema do jantar dele. Quem está ameaçando cancelar?

— Johnny Faísca, Trunfo e Crupiê — respondeu Curtis.

— Acalme Shawna e Lou — Hiram lhe disse —, e diga a Johnny que o Menino de Ouro vai mesmo aparecer. Estes são os mapas dos assentos?

Curtis entregou a ele os esquemas.

— Vou ligar para Kelvin e perguntar sobre as esculturas de gelo — falou ele enquanto Hiram destrancava a porta do escritório.

— *Pela janela!* — Paul LeBarre estava gritando na cozinha. — Até lá embaixo, para você conseguir entender o jeito certo de fazer

hollandaise. Talvez você aprenda antes de se estatelar na calçada!

Hiram recuou.

— Faça isso. E, por favor, peça pra alguém me fazer um café da manhã rápido. Uma omelete, eu acho. Tomate, cebola, pedacinhos de bacon, queijo.

— Cheddar?

Hiram ergueu a sobrancelha.

— Claro. Quatro ovos. Com batata frita e um jarro de suco de laranja, um chá Earl Grey pequeno. Tem biscoitos?

Curtis concordou com a cabeça.

— Bom. Três, por favor. Estou fraco de fome.

Usar seus poderes sempre o deixava faminto. Dr. Tachyon disse que tinha algo a ver com perda de energia.

— Anthony vai voltar logo com um terno limpo. Tive uma pequena alteração na Fulton Street. Mande alguém ao lobby para esperar. Se Anthony tentar trazê-lo aqui para cima, o Bentley provavelmente será rebocado. — Ele fechou a porta.

Havia um televisor em cores de vinte e seis polegadas encaixado na parede sobre a escrivaninha. Hiram sentou-se em uma cadeira executiva de couro, imensa, personalizada, que cheirava a um clube para cavalheiros britânico muito antigo e bastante exclusivo, acionou seu massageador de costas acoplado, espalhou os esquemas de disposição dos assentos diante de si sobre a escrivaninha de madeira escura e ligou a televisão com um toque no controle remoto. Willard Scott e Peregrina apareceram na tela. Willard estava com chifres de alce na cabeça por algum motivo. Peregrina estava com a menor roupa com a qual podia sair. Estavam conversando sobre a parada do Bairro dos Curingas.

Hiram apertou o botão “mudo”. Gostava de manter a televisão ligada enquanto trabalhava, um tipo de papel de parede em vídeo que o mantinha conectado ao mundo, mas o ruído o distraía. Após uma última olhada nos trajes admiráveis de Peregrina, começou a analisar os esquemas, ticando cada um no canto inferior direito após tê-los examinado por completo.

Quando Curtis voltou com a omelete, Hiram havia concluído os mapas de assento.

— Duas alterações — falou ele. — Coloque a Mistral ao lado do terraço. Se ventar demais, ela pode cuidar disso para nós. E troque Tachy e Croyd. Se botarmos Tachyon na mesma mesa de Fortunato, teremos inocentes mortos no fogo cruzado.

— Excelente — comentou Curtis. — Seis mesas para quem vier sem convite?

Convites formais eram enviados anualmente para o Jantar do Dia do Wild Card no Aces High, e o RSVP era aguardado, mas havia ases que mantinham seu nome cuidadosamente em segredo, e outros ainda que não haviam “saído do maço”. A festa era aberta para todos eles, e a cada ano a fila na porta, daqueles que esperavam ganhar um convite ao demonstrar um talento de ás, ficava ainda maior.

— Oito mesas — falou Hiram após um momento de reflexão. — Afinal de contas, é o quadragésimo. — Olhou para a tela da televisão novamente. — Mais uma coisa. — Ele esticou o braço até o esquema de mesas e fez uma anotação. — Aqui.

Curtis observou.

— Peregrina perto do senhor. Muito bom.

— Acho que sim — respondeu Hiram, com um sorriso silencioso. Sentia-se bem satisfeito consigo mesmo.

— As esculturas de gelo serão entregues em menos de uma hora.

— Excelente. Avise quando chegar.

Curtis fechou a porta atrás de si. Hiram recostou-se na cadeira, olhou para o aparelho de tv, mudou de canal. Nos degraus do Túmulo de Jetboy, Linda Ellerbee entrevistava Xavier Desmond. Observou as palavras silenciosas na boca deles por um minuto. Então, um boletim de notícias interrompeu a conversa. Algo sobre o Uivador, cuja imagem piscou na tela, vestindo suas roupas amarelas de batalha. Um camarada bacana, mas seu gosto por cores era quase tão ruim quanto o do dr. Tachyon.

Hiram franziu o cenho e entrelaçou os dedos diante de si, pensativo. Tudo estava sob controle. A festa seria um sucesso estrondoso, o evento social do ano. Ele deveria estar animado. Em vez disso, estava perturbado.

O que acontecera no Mercado de Peixes da Fulton Street, era isso. Ele não conseguia tirar aquilo da cabeça. Guelra estava encrocado de alguma forma. Precisava de ajuda. Hiram gostava do velho curinga. Eles faziam negócios há uma década, e o Aces High chegou até a cuidar do bufê da graduação do filho dele.

Alguém precisava descobrir o que estava acontecendo, Hiram pensou. Não ele, claro; era dono de restaurante, não um aventureiro. Ainda assim, conhecia as pessoas certas, e muitas delas lhe deviam favores. Talvez pudesse usar alguns contatos.

Hiram encontrou o número do dr. Tachyon no seu fichero giratório, pegou o telefone, discou. Deixou tocar por bastante tempo. O takisiano era conhecido por dormir até tarde. Finalmente,

desistiu. O Dia do Wild Card era sempre uma prova de fogo para Tachyon. Na maioria das vezes, deflagrava nele um excesso de culpa, autocomiseração e conhaque. Sendo este o quadragésimo aniversário, a angústia do doutor deveria estar especialmente difícil. Ah, o dr. Tachyon chegaria no horário para o jantar, sem dúvida, mas Hiram queria ter alguém trabalhando naquilo imediatamente.

Pensou por um minuto. Seu bom amigo, senador Hartmann, lhe concederia os serviços de algum ás do Departamento de Justiça, certamente, mas envolver o governo levava tempo e era conturbado. Fortunato poderia ajudar, mas, por outro lado, não poderia. Girou o fichário, olhando os nomes e, claro que ele estava bem ali, no primeiro cartão:

Jay Ackroyd

Investigações confidenciais e prestidigitação

Sorrindo, Hiram Worchester pegou o telefone e discou.

Ackroyd atendeu no quinto toque.

— É cedo demais — o investigador particular reclamou. — Ligue mais tarde.

— Pode pular da cama, Popinjay — Hiram falou com alegria, sabendo que isso irritaria o outro. — Deus ajuda quem cedo madruga, e hoje você resolverá um caso, digamos, em troca de um jantar.

— É melhor ser mais do que um jantar, Hiram — Ackroyd resmungou. — E não me chame de Popinjay, inferno.

Cada fichário tinha dez páginas, e cada página continha cerca de cem selos com os números do Catálogo Filatélico Scott Postage escrito com cuidado embaixo deles, o que facilitava bastante a identificação.

Havia dez Irlanda nº 38 (Grã-Bretanha nº 171, com estampa “*Rialtar Sealadac na heineann 1922*” em tinta preta-azulada), novo, valor de catálogo: mil e quinhentos dólares cada um. Havia oito Dinamarca nº 1 (sem picote, com burelage marrom-amarelada), levemente apagado com quatro margens excelentes, valor de catálogo: mil e trezentos dólares cada um. Doze Japão nº 8 (papel nativo sem goma), novo, valor de catálogo: quatrocentos e cinquenta dólares a unidade. E assim por diante. Ao todo eram mil oitocentos e oitenta selos nos fichários, catalogando, em média, cerca de mil dólares cada um, então cada fichário trazia um milhão de dólares em selos.

Porém, o terceiro livro...

Jennifer folheou rapidamente as páginas, mas sua mente foi levada do mistério do terceiro livro à riqueza nos outros fichários na mesa entulhada diante dela. Kien juntara uma bela coleçãozinha. Ela não conhecia muito de filatelia, mas uma pesquisa rápida das informações de preços diante dos catálogos e sua experiência geral no campo de materiais raros e colecionáveis disseram-lhe que Kien montara a coleção perfeita para obter o máximo de lucro quando chegasse a hora de vendê-la.

Os selos que havia reunido eram raros, mas não excessivamente raros. Selos raros de verdade eram tão bem conhecidos que todos os exemplares existentes eram documentados, mas muitos daqueles exemplares não eram rastreáveis. Eram raros o suficiente para ser,

bem, raros, e comuns o suficiente para que sua aparição no mercado não causasse um alvoroço.

Mas eram raros o suficiente para que — dependendo, claro, do desespero dele no momento em que liquidasse suas posses — Kien pudesse esperar chegar perto do preço de catálogo quando quisesse convertê-los em algo mais negociável. Uma verificação rápida nos diversos exemplares selecionados em catálogos de anos anteriores informou-a de que também eram raros o bastante para o preço subir ano a ano. E se Kien desse as cartas corretas quando os vendesse, não teria que pagar impostos sobre eles. Claro, um único negociante de selos teria problemas em conseguir dinheiro para comprar a coleção inteira, mas havia muitos negociantes de selos em qualquer cidade grande.

Infelizmente, Jennifer refletiu enquanto explorava com vagar as páginas de selos, ela não tinha essa opção. Não poderia desmembrar a coleção. Tinha de se livrar dela de uma vez, e seria sortuda se sua negociação lhe desse dez por cento do valor dos selos.

Ainda assim, dez por cento seria bacana. Duzentos mil não era nada mau para uma manhã de trabalho. Tinha uma bolada para pagar por seu apartamento que, havia pouco, se transformara em um condomínio, e havia também seus projetos especiais. Tirou uma caderneta preta da bolsa e repassou a lista das obras beneficentes favoritas, a maioria pequenos centros mal financiados para viúvas em dificuldades, crianças e animais abandonados. Em uma época de cortes de recursos governamentais, a sociedade civil tinha de fazer tudo que podia para apoiar causas válidas, e havia, Jennifer

pensava, uma quantidade terrivelmente grande de causas válidas no mundo.

A umidade gotejava de uma longa rachadura que corria na diagonal pela parede do túnel. O peso de Manhattan inteira parecia equilibrar-se sobre sua cabeça, e ela se perguntava inutilmente pela centésima vez se aquela toca de coelho de túneis e saletas sobreviveria. Talvez seus passos fossem o último impacto necessário para levar abaixo aquele covil em ruínas. O medo empurrava sua respiração para o fundo do abdome, e ela se apressava para avançar, a água chapinhando nas laterais das sandálias.

Parecia incrível para ela, após o desastre em maio, quando os ases de Nova York atacaram o Mosteiro, matando vários maçons e destruindo o dispositivo Shakti, que o Astrônomo tivesse voltado calmamente para seu velho reduto e *ninguém tivesse percebido*. A verdade era que sobrara apenas um punhado deles; Kafka, o próprio Mestre, Roman, Kim Toy, Gresham, Diabrete, Insulina e ela — salva porque escolheu passar aquele dia em um show ao norte do estado de Nova York. Talvez a ameaça do Enxame (anulada apenas recentemente) fosse a explicação.

O túnel desembocava em uma pequena sala. Roleta entrou e sentiu seus saltos escorregarem ao pisar no sangue escuro que se espalhava em poças cada vez maiores sobre o piso de pedra. Fora um ritual energético, pois o sangue brilhante também pintava as paredes. Uma borrifada berrante vermelha aqui, um regato correndo lá, tudo lavando o gesso cinzento úmido, uma exposição de arte moderna delineada com barbárie. Membros separados

jaziam empilhados como madeira amarrada em um canto distante, a cabeça de olhos arregalados pousada como um melão sobre eles. Era uma bela mulher, cabelos longos acariciavam o naco irregular do pescoço, brincos de cristal brilhavam à luz hostil de uma lâmpada nua que balançava de um fio no teto.

Vida normal para um maluco, pensou Roleta, e a histeria e a repugnância enrijeceram sua garganta.

Kafka, parecendo totalmente dadaísta enquanto fazia as vezes de um toalheiro, estava encurvado ao lado do Astrônomo. Diversas toalhas fofinhas com apliques de ursinho estavam penduradas sobre seus braços quitinosos, esqueléticos. Sua carapaça tremelicava, mas Roleta não saberia dizer se de frio ou de medo.

Finalmente, forçou-se a olhar para o mestre, que terminava de limpar as mãos meticulosamente em uma toalha, jogando-a aos pés em seguida. Seus olhos pairavam como luas enormes atrás das grossas lentes dos óculos, mas ele parecia vibrante, quase estalando de energia, e ela sabia que estava pronto para iniciar a ordem do dia. Um festim sangrento agora para se preparar para o banquete que seguiria.

— E então?

— O Uivador está morto.

— Excelente, minha querida. Excelente. — Ele se virou e, com desdém, empurrou a cadeira de rodas, que rangeu triste enquanto rolava até um canto. — Mas, me conte tudo. Cada nuance sutil, cada careta agonizante...

— Não foi muito sutil — disse ela, sem rodeios, e afastou para trás seu cabelo trançado para revelar a escoriação. — E eu ainda não consigo ouvir muito bem com meu ouvido direito.

Ele riu, um retumbar grave e gutural que a deixou trêmula de fúria.

— Eu poderia ter morrido! Isso não importa para você, não é?

— Não muito. — Os olhos dele estavam sobre ela, e Roleta estremeceu, incapaz de fitar o olhar dele.

— Você poderia ao menos ter me avisado — gritou ela, tentando encontrar um lugar seguro para pousar os olhos, mas para onde quer que olhasse havia loucura.

— Não sou seu papai. Pensei que fosse inteligente o bastante para fazer suas pesquisas.

— Não sou uma assassina profissional. Eu não *pesquisei*.

Até mesmo Kafka emitiu uma risadinha chiada, ofegante, que soou como mãos secas, mortas, esfregando-se, e o Astrônomo lançou a cabeça para trás e gargalhou, os tendões de seu pescoço magro saltando como galhos.

— Ah, minha preciosa. É assim que você se esconde de sua alma? Minha pequena tola. Você deveria abraçar o ódio, lambê-lo, comê-lo, deleitar-se com ele. Estou lhe oferecendo uma oportunidade única de vingança. Para retribuir a perda com dor. E depois que isso tudo acabar, darei a você a liberdade pela qual anseia. Você deveria me agradecer.

— Estou me tornando um monstro — murmurou Roleta.

— É dúvida o que estou ouvindo? Então reprima, por favor. Culpa é a emoção mais debilitante. Faz de você uma fraca. Veja, a dúvida pode levar à traição, e você sabe como eu lido com aqueles que me traem. Estou lhe dando Tachyon, embora eu realmente queira matá-lo com as minhas mãos, então não venha cacarejar sobre o quanto você chegou perto da morte, e como sou terrível por

fazer com que você mate. E nem pense em voltar atrás. Não tenho tempo de cuidar eu mesmo do bom doutor... eu cheguei a delegar o Tartaruga para Diabrete e Insulina... Então ficaria muito chateado com você se tivesse que realocar Tachyon nos meus planos. O prazer não suplantaria a irritação, acredite.

— Não acho que você esteja sendo motivado pela generosidade. Acho que tem medo dele. É por isso que está me mandando enfrentá-lo.

As palavras saíram e foi uma tolice pronunciá-las, pois ele partiu na direção dela, apertando os dedos como um torno em sua mandíbula.

— Está me chamando de covarde, minha doce boceta assassina?

O rosto dele transformou-se em uma careta demoníaca.

— Não. — Ela forçou o sussurro quase inaudível.

— Bom. Não gostaria de pensar que você não me respeita. Agora, me fale sobre o Uivador!

— Não, eu não... não consigo... reviver isso.

Ela se empertigou, vendo o topo do crânio calvo com apenas alguns fios de cabelo e pedaços de pele repulsiva.

— Então reviva isto!

E o fluxo de memória voltou. A coisa deformada nojenta que jazia entre suas pernas. O resultado líquido de tantas horas de parto doloroso. Um monstro tão grotesco que até mesmo as enfermeiras odiaram tocá-lo.

— Tudo bem, tudo bem! Ele sofreu... uma dor imensa.

— O rosto dele, como ficou o rosto? Ele deve ter olhado para você.

— O olhar foi triste. Como uma criança perplexa que não sabia por que estava sendo ferida. — Os soluços rasgavam como vidro partido o fundo da sua garganta.

— E você se divertiu? — A mão livre fechou-se sobre o ombro esquerdo dela, e o mestre a forçou a se ajoelhar diante dele. Ela conseguiu sentir o sangue ensopando a bainha da saia, grudando na pele nua dos joelhos.

Os olhos estavam sobre ela novamente. Não havia como mentir.

— Não. — As lágrimas rolavam, correndo em linhas quentes sobre seu rosto. — Eu nem o conhecia direito. Apenas uma noite. Mas ele foi gentil comigo. E agora está morto, e eu estou com medo.

— De quê?

— Do que estou me tornando. Estou com medo de continuar...

— Minha querida, seria melhor você ter medo do que acontecerá se não continuar. Você é minha, Roleta, e eu vou te dar um castigo terrível se falhar comigo.

Um grito agudo rasgou sua garganta enquanto ela observava a mão dele deslizar para dentro do seu peito, e então sentiu uma pressão imensa quando ele segurou o coração na palma da mão.

— Um apertão, Roleta, e você morre. — A mão dele baixou, massageando os ovários, enviando ondas de agonia através do seu ventre. — Não me faça te matar, Roleta. Seria um desperdício. — Ele retirou a mão e acarinhou o rosto escoriado. — Mas não quero assustá-la, minha querida. Quero ajudá-la. Salvar e libertar sua alma. Você vai enlouquecer, Roleta, como teme, a menos que consiga sua vingança final e purgue a sua alma. Sem essa purificação, minha limpeza de memória não lhe fará bem. Agora, encontre Tachyon, mate-o, e você estará livre.

— Livre — suspirou ela.

O Astrônomo de repente soltou seu queixo e ela despencou para a frente, caindo de quatro. Choramingou um pouco quando o sangue, agora coagulado, escorreu entre os dedos. *Livre de você também*, ela pensou com uma emoção que não era amor, tampouco ódio, mas um pouco dos dois.

— Sim, meu amorzinho. Até mesmo de mim.

Ela apertou os olhos, esperando pelo golpe ou por alguma outra punição. Momentos se passaram e nada aconteceu. Ela abriu os olhos cautelosamente.

— E quando você vai...

— Remover seu passado? Quando você voltar e me contar em detalhes sórdidos cada momento da morte de Tachyon.

— Sim... ok... eu vou.

Roleta ergueu-se. Com um movimento de cabeça, o Astrônomo indicou a Kafka que saísse. A pequena e monstruosa barata curinga correu até a porta e ofereceu a Roleta uma das toalhas limpas que restara. Ela aceitou, agradecida.

— Encontro você aqui?

— Depende do horário. Minha agenda está bem cheia hoje. — Ele deu um sorrisinho cínico, então encarou-a, examinando. — Você me serviu bem. Ah, por que não? Decidi levar meus seguidores mais fiéis comigo quando eu for embora. — Ele enrolou um garrote em torno do braço e esfregou a veia que saltou.

— Ir embora?

— Sim, vou embora deste mundo que me traiu e enganou.

— Mas como?

— Na nave de Tachyon.

— Mas você não sabe como pilotar uma espaçonave, sabe? — acrescentou ela de repente, em dúvida. A amplitude dos poderes dele era incrível; talvez ele soubesse.

— A nave voará, pois é uma criatura inteligente, com mente, e tudo que tem mente eu consigo controlar. Estamos marcando o encontro para as três e meia de amanhã. Esteja lá e poderá vir. Desde que, claro, você tenha assassinado Tachyon, e se sua pequena declamação me agradar. Agora, o que me diz sobre isso? Eu não poderia ser mais justo — completou ele em um tom pensativo, como se contemplasse sua própria magnanimidade.

O sorrisinho que circundava sua boca morreu, e o rosto dele deformou-se em uma careta abominável.

— Esteja lá no armazém, se quiser embarcar. Agora, vá! — ele gritou, e a baba espumando nos cantos dos lábios, e o cuspe voou no rosto dela.

Ela foi. De volta para o túnel úmido, a toalha apertada contra os lábios. Kafka ainda percorria o túnel, arrastando os pés, quando passou por ele. Roleta pensou no quanto ele ouvira, se ele estava entre os “fiéis”, e o que o Astrônomo faria com ele se não estivesse, e se ele ficasse sabendo da indiscrição de Kafka ouvir atrás da porta. Por um instante seus olhos se encontraram, e Roleta viu espelhado nos do curinga o mesmo medo, confusão, desespero e ódio que ela sabia estarem refletidos nos dela.

Ela o tocou gentilmente na carapaça.

— Obrigada pela toalha, Kafka.

— Não há de quê — respondeu ele com uma formalidade estranha que tornava sua condição bizarra ainda mais grotesca e triste. — Roleta — continuou ele, enquanto ela se afastava —,

tenha cuidado. Eu gostaria de pensar que um de nós estará perto da normalidade e com a humanidade intacta quando tudo isso acabar.

— Bem, não serei eu, mas obrigada pela preocupação.

4

9h

Jennifer pegou o telefone em sua escrivaninha e discou um número que havia usado apenas meia dúzia de vezes no ano anterior, mas guardara na memória. Tocou três vezes antes de alguém atender e então uma voz rica, culta, com um sotaque do Brooklin ainda ondulando sob a superfície disse:

— Penhor Feliz, bom dia.

— Olá, Gruber.

A voz assumiu um novo tom, ficando mais grave e untuosa, com uma solicitude indesejada.

— Espectral, minha querida. — Ele a chamava pelo nome de guerra. — Há quanto tempo. Como tem passado?

— Bem. — Jennifer dava respostas curtas.

Ela não gostava de Leon Gruber, embora ele deixasse nítido todo o tempo seus sentimentos óbvios por ela. Era um gorducho viciado em pó, de rosto macilento, com mestrado em artes plásticas pela Universidade Columbia. Conduzia a loja de penhores que havia herdado do pai em circunstâncias bastante suspeitas, pelo que Jennifer tinha ouvido falar. Era o seu receptor. Nunca parava de

dar em cima dela, apesar da polidez fria com a qual ela o tratava em todas as negociações.

— Tem algo para mim? — ele quis saber.

Ele fez a pergunta soar libidinosa. Jennifer quase conseguia vê-lo lambendo os lábios grossos.

— Selos — ela respondeu rapidamente.

— Quanto? — Ele deu um leve suspiro, como se estivesse se resignando a falar de negócios.

— Quase dois milhões em preço de catálogo.

Houve um longo silêncio e, quando Gruber finalmente falou, a voz dele havia mudado de novo. Havia algo por trás das palavras dele que Jennifer nunca tinha ouvido antes, algo que o fez soar ainda mais frio e calculista do que o normal.

— Você me surpreende, querida. Diga, são de um estoque de negociante ou de uma coleção particular?

— Não é da sua conta.

— Bem, preferimos manter nossos segredinhos, não é?

— Meus segredos são meus — Jennifer disse com firmeza, mais do que levemente irritada. — Se não estiver interessado nos selos, posso encontrar alguém que esteja.

— Ah, estou interessado. Mesmo. Tenho interesse em tudo o que é seu, minha querida Spectral. — Jennifer fez uma careta ao ouvir as palavras dele. Quase conseguia imaginar as cenas piscando através de seu cérebro viciado. — Você é uma pessoa muito, hum, intrigante. Apareceu do nada e, em menos de um ano, tornou-se a ladra mais refinada da cidade. Eu me sinto muito sortudo, hum, por ser seu colaborador e estou muito, muito interessado nos selos. Mas tenho um compromisso esta manhã. Estou esperando algumas

pessoas. Pode vir lá pelas onze? Talvez possamos almoçar depois que eu der uma olhada na mercadoria.

— Talvez. — Não havia sentido em contrariá-lo antes de ele olhar os selos. — Às onze. Estarei aí.

— Estarei esperando, querida.

A última sentença ecoou pegajosa aos ouvidos de Jennifer quando ela desligou. Havia uma ânsia mais ávida do que de costume. Ela decidiu que precisava encontrar um novo intermediário. Não dava para aguentar os comentários maliciosos de Gruber por muito mais tempo. Talvez ele estivesse se afundando demais no vício da cocaína. *Ele usa demais*, Jennifer pensou. *Um dia desses o coração dele vai explodir.*

Fortunato verificou o relógio. Teve de erguer o braço e então alçá-lo diante do peito para vê-lo, por conta da multidão. Passava um pouco das nove. Quando olhou para cima, o mundo parecia um caleidoscópio. Estilhaços de cores brilhantes o cercavam, mudando a todo momento para novos padrões, imprevisíveis, mas não totalmente aleatórios.

Quando Caroline falou que era Dia do Wild Card, não significou nada para ele. Ele deveria ter pensado melhor. Agora estava preso na multidão com Brennan, não dava mais para escapar. A cada dois minutos pensava em quebrar a regra sobre exposições públicas. Seria tão fácil levitar para fora da multidão e voltar para a paz do seu apartamento.

Então pensou no Astrônomo, talvez apenas a poucos metros de distância, talvez a ponto de assassinar outra pessoa e ficar mais forte no processo.

Logo adiante, a Hester Street encontrava a Bowery, a praça no meio do Bairro dos Curingas. As barricadas da polícia bloqueavam as ruas laterais, embora houvesse tantos turistas que um carro não poderia atravessar nem se quisesse. A maioria parecia vestida para uma competição de atletismo, de shorts, tênis e camisetas horríveis, exceto que estavam acima do peso, tinham câmeras penduradas no pescoço e bonés baratos com slogans idiotas na cabeça.

— Olha, tem um aqui — falou um deles, apontando para Fortunato. O chapéu do homem dizia *COMER FORA É DIVERTIDO*. Fortunato pensou em virar o estômago do homem do avesso, deixando-o pendurado para fora da boca pelo longo tubo do esôfago, espirrando sangue, baba e café da manhã na calçada.

Calma, ele disse a si mesmo. Tenha calma.

Como era típico dos curingas, a parada já havia se transformado em um inferno. Os carros alegóricos oficiais deveriam estar alinhados perto do canal, mas a rua já estava cheia de carros não oficiais; o mais óbvio deles era um falo de látex de seis metros de altura, rosa e brilhante, erguido a sessenta graus. Estava montado sobre uma plataforma de madeira e três curingas mascarados tentavam empurrá-lo através da multidão. O pênis era bifurcado, e havia uma placa pendurada entre as duas cabeças que dizia: *FODAM-SE OS COMUNS*. Um quarto curinga estava em pé, na plataforma, jogando o que pareciam ser camisinhas usadas nas pessoas. Duas aglomerações abriam caminho na direção do carro, uma de policiais, outra de turistas ultrajados.

— Lá está ele. — Brennan teve de gritar no ouvido de Fortunato para se fazer ouvir. Fortunato virou-se e viu Jube sentado sobre sua

banquinha de jornal, baixinho, gordo, suas presas reluzindo à luz do sol matutino.

— Certo — falou Fortunato. Usou um pouco do seu poder para liberar um espaço na frente da banca, fez um megafone com as mãos e gritou por ele. — Você pode descer aqui um minuto?

Jube deu de ombros e começou a descer. Fortunato esticou a mão e agarrou um tornozelo preto e borrachudo, para equilibrá-lo. Ao tocá-lo, Fortunato sentiu uma vibração estranha percorrer o seu corpo. Jube olhou para baixo e os olhos deles se encontraram. Fortunato, involuntariamente, leu os pensamentos do outro.

— Sim — respondeu Fortunato a ele. — Agora eu sei.

Jube não era humano.

— Já te vi no Crystal Palace — comentou Jube. — Mas nunca fomos apresentados formalmente. — Ele estendeu a mão. — Você consegue guardar segredos?

— Em geral, eu só cuido da minha própria vida — retrucou Fortunato. — Tachyon sabe sobre você?

— Não. Ninguém sabe além de você. Acho que só posso esperar que você não encontre um bom motivo para me entregar.

Jube empalideceu quando Brennan se aproximou e disse:

— Crisálida me disse...

— Eu vi o Astrônomo. — A cabeça de Jube, negra e untuosa, coberta de tufos de cabelo avermelhado, moveu-se para cima e para baixo. — Umas cinco da manhã. Eu estava pegando o *Enquirer*. Toda segunda-feira, sabe? — Fortunato limpou a garganta, impaciente. — Estava no banco de trás de uma limusine, seguiu para a Second Avenue.

— Como você sabia que era ele? — Fortunato quis saber. Jube hesitou, e Fortunato transformou a pergunta em uma ordem. — Diga a verdade.

— Eu... fui a algumas das reuniões. Dos maçons egípcios. Pensei que tinham... algo que eu queria.

Um estouro repentino fez o alienígena se retrair, surpreso. Fortunato virou-se. Fora apenas uma vitrine na Hester que havia explodido na rua. Quatro garotos orientais com jaquetas de cetim azul irromperam da loja. O último estourou o vidro da porta com um cassetete.

— E lembre-se, velhote! — gritou o garoto. — Não se meta com os Garças, cara!

Eles se misturaram à multidão e desapareceram.

Brennan estava com a maleta de couro aberta e as duas metades do seu arco montadas em um segundo e meio, mas mesmo assim não teve tempo de atirar. Guardou o arco novamente e virou-se para Fortunato, que não se moveu.

— Você não estava brincando — falou Jube. — Realmente só cuida da sua vida.

— Não interfiro se não sei o que está acontecendo — falou Fortunato.

Estava pensando em 1969, quando seu poder apareceu pela primeira vez. Por alguns meses, esteve envolvido com o movimento político underground, tentando impedir o massacre de curingas no Vietnã. Mesmo naquela época, com os problemas tão claros quanto podiam ser, ele se sentia inquieto. Tinha uma mulher envolvida e, quando ela desapareceu, aquilo foi o fim para ele. E, desde então, resguardava-se.

— Se eu quisesse ser policial, seria.

Ele se voltou para Jube.

— Acho que você e eu precisamos sentar e ter uma longa conversa um dia desses. Quando não houver tanta coisa acontecendo. Por ora, apenas mantenha os olhos abertos. Se vir o Astrônomo novamente, ou qualquer pessoa que você saiba que está trabalhando para ele, ligue para o Tachyon. Ele sabe onde me encontrar. Certo?

O alienígena concordou com a cabeça.

— E, pelo amor de Deus — falou Fortunato —, tente se animar.

Spector subiu devagar os degraus da estação de metrô, olhando em todas as direções. O Jack Daniel's não havia ajudado. Vira o Astrônomo assassinar antes; estivera presente várias vezes. O velho conseguia rasgar alguém em pedaços mais rápido do que ele conseguia se regenerar. Estremeceu e tropeçou. A loja de penhores de Gruber ficava apenas a alguns quarteirões dali.

A Flatbush Avenue estava calma, quase deserta. Um garoto brincava em uma varanda, segurando um aviãozinho em uma das mãos e um dirigível na outra. Ele batia o avião contra o dirigível e gritava: “Não posso morrer ainda, eu não vi *Sonhos Dourados*”.

Spector balançou a cabeça. Não entendia por que todo mundo considerava Jetboy um herói. O merdinha tentara impedir que um vírus caísse sobre Nova York, mas desgraçou tudo, falhou. E ganhou uma estátua e a adoração de milhões por isso.

— Jetboy foi um fracassado — gritou ele para o garoto.

O menino o encarou, então recolheu os brinquedos e correu para dentro do apartamento.

Spector enfiou a mão no seu paletó cinza e puxou a máscara de caveira, vestindo-a quando chegou na rua da Penhor Feliz.

Cruzou a rua rapidamente e testou a porta. Estava trancada. Bateu com força várias vezes e esperou. Nenhum som. Tentou novamente. Dessa vez, ouviu passos pesados e apressados. E o clique da porta que se abriu com um estalo.

— Estou ocupado agora. Volte mais tarde — falou Gruber.

— Você está com pé na lapela — disse Spector, apontando para o terno de tweed de alfaiataria e encaixando o pé no vão da porta. — É o Spector. Preciso comprar uma coisa.

Gruber abriu a porta e fechou-a rapidamente assim que Spector entrou.

— Comprar? Isso é novidade. Bem, do que precisa?

— Uma pistola automática e um colete à prova de balas. — Spector olhou ao redor para o amontoado mal iluminado. O lugar cheirava a abandono e à colônia de Gruber. — Como você consegue encontrar alguma coisa aqui?

— Todos os negócios importantes são feitos lá atrás. — Gruber abriu a grade e seguiu para os fundos da loja. Era gordo e meio molenga. Spector poderia odiá-lo apenas por isso. Ele seguiu o homenzinho, concentrando-se na dor dele.

Gruber abriu um armário e tirou dele uma pistola.

— Submetralhadora Ingram Mac-11 com coldre de ombro. Faria oitocentos para um cliente normal, mas você pode levá-la à base de troca. Terá algo para mim em breve, eu espero.

Spector pegou a Ingram e examinou. A arma estava em perfeitas condições e tinha um peso ótimo.

— Claro. Não tem colete?

— Sinto muito.

Spector esperava que um colete à prova de balas ajudasse, se o Astrônomo tentasse arrancar seu coração. Aquilo era um azar, pois era um item que Gruber em geral tinha.

— E as balas?

— Estão bem aqui — Gruber respondeu, entregando uma caixa fechada. — Por que precisa de uma arma? Digo, sendo um ás e tudo mais, isso me parece, hum, desnecessário.

Spector percebeu que Gruber tomava cuidado para não olhá-lo nos olhos. Ele agarrou o gordo pelas orelhas e trouxe-o para mais perto. Gruber tentou arrancar o olho de Spector com uma das mãos, usando a outra para puxar uma pistola calibre 22 automática. Spector agarrou a mão de Gruber que segurava a arma e apontou-a para a barriga do homem. Foram dois tiros no abdome. Spector jogou a arma longe; sabia que Gruber levaria um bom tempo agonizando até morrer com os ferimentos de bala. Então puxou a cabeça dele para perto, forçando para que seus olhos se aproximassem.

— Não — Gruber falou, apertando os olhos. Spector deu um soco no pescoço dele, mandando-o para o chão, depois montou sobre Gruber e prendeu seus braços.

— Não me mate. Por favor, não.

— Você já está morto. — Spector pinçou as pálpebras de Gruber e as ergueu. Gruber gritou, mas era tarde demais. Seus olhos se encontraram.

Spector era a única pessoa que tinha tirado a Rainha de Espadas e vivido para contar a história. Infelizmente, a memória de sua morte continuava ali. Ele a forçou para o outro, projetando sua

agonia para dentro do corpo do homenzinho, convencendo-o de que ele estava morrendo. A carne rechonchuda de Gruber acreditou. Os olhos rolaram para cima e ele engasgou. Spector sentiu-o virar peso morto e o soltou.

Olhou para a escrivania. Gruber havia escrito uma palavra no bloco de anotações. Selos. Ele deu de ombros e virou-se.

Spector vestiu o coldre e deslizou a Ingram nele. Se ia enfrentar o Astrônomo, aquilo poderia ajudar, ou não. Ele fechou e trancou a grade, pôs a máscara de volta e saiu pelos fundos.

Estúpido! Como você pôde ser tão idiota?, pensou Jack enquanto abria caminho pelo centro da cidade em meio às aglomerações. A raiva de si mesmo ainda ardia brutalmente. Varreu com os olhos o que conseguia ver da Eighth Avenue diante dele. Onde estava a garota com o homem vestindo terno púrpura e chapéu fedora elegante?

Ainda não tinha ligado para a mãe de Cordelia. Elouette teria de esperar, impaciente ou não. Jack fez a única ligação que talvez pudesse ajudar. Se Nômada e seus animais pudessem apenas avistar sua sobrinha... Ele cuidaria do resto. A língua parecia áspera, deslizando pelos dentes que tinham ficado um pouco maiores, mais afiados e longos que o normal. Tentou acalmar a raiva. Teria tempo o bastante para isso mais tarde.

Controle. Claro que tinha um pouco agora. A princípio, quando saiu de Port Authority, ele buscou aleatoriamente, lutando para seguir em uma direção no meio da multidão, depois em outra. Em seguida, o nível humano da sua mente começou a tranquilizar o cérebro réptil apressado. Estabeleceu um critério: não repetir uma

linha de busca. *Tente no centro da cidade. Considere Fortunato como ponto de partida.* Ele não sabia se o rapaz que supunha ser um cafetão era um dos caçadores de talentos freelance de Fortunato; de fato, nem sabia se o homem sequer usava aquela modalidade de busca de talentos; mas não custava tentar. O homem com Cordelia acharia mais fácil se misturar com o fluxo de pessoas que seguia para o Bairro dos Curingas. Aquela avenida estava menos lotada do que as outras no momento. Uma hora Jack teria que se preocupar com uma boa rota que cruzasse a cidade. Mas, por ora, seguia sua intuição.

Deu certo.

Chegou até o cruzamento da 38th Street. De repente viu, do outro lado da rua, um fedora familiar flutuando um pouco, como se seu dono estivesse olhando ao redor, confuso. Também viu uma nuca, um vislumbre de reluzentes cabelos pretos e longos. O fedora aproximou-se dos cabelos pretos. A jovem com cabelos pretos se afastou um pouco mais. Estava correndo. O fedora a perseguiu.

Jack, seguindo-os com o olhar, disparou pelo meio-fio. Uma mão agarrou seu ombro, puxando-o para trás com rispidez. Um táxi amarelo buzinando quase arrancou seus dedos do pé e o focinho latente.

— Presta atenção, garoto — disse um curinga rouco atrás dele. — Os táxis não estão nem aí. Nem hoje, nem nunca.

Naquele instante, o cruzamento se encheu de carros. Os últimos táxis a atravessar tinham acabado de passar. Havia carros enfileirados nas duas direções. Ninguém parecia preocupado com as multas de vinte e cinco dólares por fechar o cruzamento.

— Nunca tem um guarda quando a gente precisa — alguém disse alto.

Jack atravessou o cruzamento como um bom corredor de futebol americano. *Os Jets ficariam orgulhosos*, ele pensou, aleatoriamente. Bem que estavam precisando de alguém como ele naquela temporada. Do outro lado da 38th Street, ele percebeu que nem o fedora nem Cordelia estavam à vista.

Droga! Mais cedo ou mais tarde, ele pensou, *vamos bater o centro de novo*. Procurou ao redor por um dos pássaros, um gato, um esquilo da Nômada, qualquer coisa.

Nunca tem um pombo por perto quando a gente precisa.

Tendo escolhido o que ia vestir da coleção de casacos, calças e camisas surrados, sujos e descombinados que mantinha na casa de Jack, Nômada enfiou na cabeça um boné de pescador grego para esconder o cabelo desgrenhado e deixou os gatos para trás, enquanto ia em direção à superfície através dos túneis que passavam pela casa. Ágil pelos anos de vida no subterrâneo, usava os olhos dos ratos que viviam nos túneis para achar o caminho. A visão rente ao chão que obtinha daquela perspectiva era suficiente para evitar a maioria dos obstáculos. Já havia passado dias embaixo da terra sem usar seus olhos. Era melhor evitar o máximo possível de contato com a massa de pessoas que se arrastavam na superfície enquanto suas criaturas rastejavam nos túneis e nas tocas.

Nômada agarrou as hastes de uma escada que levava ao mundo acima dela e subiu. Deslocando a tampa do bueiro um pouco para cima, olhou ao redor e viu apenas um mendigo dormindo no beco. Saiu pelo buraco, encaixou novamente a tampa e claudicou em

direção à multidão na boca do beco. Ela conhecia há muito tempo a rota mais direta até o escritório de Rosemary Muldoon, no complexo da promotoria pública. Porém, naquele dia, as ruas estavam cheias de festeiros. Muitos usavam máscaras grotescas; alguns estavam com fantasias completas. Nômada sentiu raiva daquelas pessoas “normais”. O vírus que lhe dera meios de sobrevivência também a tirara daquele mundo humano. Às vezes, ressentia-se disso, mas na maior parte do tempo, não. Foi fácil xingar a multidão e abrir caminho até o centro de magistrados.

Alguém assobiou, pelo som, de forma apreciativa. Ela não olhou em volta. Não era para ela.

Antes de o segurança percebê-la, Nômada se juntou a um grupo de pessoas que aguardavam o elevador. Mantendo o aglomerado de terno completo entre ela e o segurança, caminhou com a cabeça baixa e olhou de esguelha para as escadas. Demorava vários minutos para subir até o oitavo andar, mas ela odiava o elevador.

Em vez da recepcionista habitual, que sabia que ela era uma antiga cliente de Rosemary dos dias de Serviços Sociais, a escrivanhinha estava ocupada por um homem muito bonito, de cabelos pretos, em um terno marrom. Ele estava tendo problemas com o telefone quando ela entrou.

— Droga! Perdemos mais um. Quem criou esses botões de espera devia levar um tiro. Não concorda? — Ele falou sem tirar os olhos do console do telefone, cujos botões apertava. — Embora eu saiba que isso não é atitude de um advogado. — Finalmente, ele olhou para cima e seu rosto expressou surpresa apenas por um momento. — Olá. O que posso fazer pela senhora? — Ele sorriu. — Será que

não errou de andar? Este é o gabinete da promotoria. O que a senhora procura?

— Rosemary. — Nômada manteve a cabeça baixa e a voz fraca e rouca.

— Rosemary? Sou novo aqui, mas a única Rosemary aqui... eu acho que é Rosemary Muldoon. Ela é promotora adjunta. — Ele se virou e olhou, incerto, para o console do telefone. — Bem, posso tentar chamá-la, mas...

— Rosemary. — A voz ficou mais forte e irritada. Quando ele olhou para cima novamente, encontrou, por uma fração de segundo, um par de olhos ferinos e negros.

— Vou tentar. — O telefone tocou. — Paul Goldberg, gabinete da promotoria. No que posso ajudar?

Nômada partiu na direção da porta atrás de Goldberg, mas a passagem se abriu assim que ela pousou a mão na maçaneta.

A mulher atrás da porta era pequena, uns oito centímetros mais baixa que Nômada. Sabia disso porque uma vez foram obrigadas a trocar de roupas. Os olhos de Rosemary variavam de castanho-escuros a claros, dependendo do humor. Hoje estavam escuros e intensos.

— Olá. Que bom te ver. Entre. Volto em um minuto.

Rosemary Muldoon segurou a porta para ela. Antes de entrar no gabinete, Nômada olhou para a mesa do recepcionista. Rosemary fez sinal de positivo com a cabeça.

— Paul, ligue para aquela agência terceirizada de novo. Diga que se ninguém aparecer em quinze minutos, vamos ligar para outra agência. Isso é ridículo.

— Sim, srta. Muldoon. Espero que eu não tenha ofendido sua cliente. — Ele sorriu constrangido para Nômada, que balançou a cabeça uma vez, com força.

— Minha *amiga*, Paul — disse Rosemary. — Segure minhas ligações, por favor.

O homem atrás da mesa suspirou e concordou com a cabeça.

— Claro, srta. Muldoon. Espero vê-la em breve, senhora — disse ele para Nômada. Ele já estava atendendo ao telefone que tocava quando Nômada o encarou novamente, então ela se virou e manquejou para dentro do gabinete de Rosemary.

— Donnis está de férias e as coisas estão uma bagunça. — Rosemary fechou a porta e caminhou até a mesa de madeira de lei. — E aqui estamos, com equipe reduzida, e ainda temos que atender telefones em vez de trabalhar nos casos. Mas ele embeleza o ambiente, apesar de tudo.

Rosemary sentou-se na beirada da mesa.

— Eles me ofereceram um carpete novo para substituir aquele felpudo verde horrível. Em vez disso, peguei mais um advogado para a equipe.

— Boa escolha. — Nômada havia sentado na ponta de uma cadeira antiga de espaldar alto. Tirou o chapéu e o cabelo do rosto.

— Como está Jack? — Rosemary esticou o braço e pegou o boné de Nômada, vestiu-o e olhou, inquisitiva, para a mulher, que balançou a cabeça.

— Não combina com o terninho. — Nômada recostou-se com cuidado, como se a cadeira pudesse despencar. — Tudo bem, eu acho. Não estamos conversando muito ultimamente. Recebi uma

ligação dele pouco antes de vir aqui. Ele está procurando uma sobrinha que fugiu para cá.

Rosemary ergueu uma sobrancelha.

— O nome dela é Cordelia Chaisson. Dezesseis anos. Menina do interior, da Louisiana. Jack disse que ela é bonita, alta, magra, cabelos pretos, olhos castanho-escuros. Isso foi tudo que ele me disse. Parecia muito triste.

— Vou informar as delegacias — disse Rosemary. — É o que posso fazer. Muitos jovens fogem para a cidade grande. — Ela pegou uma caneta-tinteiro da mesa que ficava na altura do quadril. Nômada balançou a cabeça em agradecimento.

— Como está a vida fora das ruas?

— Quem falou que estou fora das ruas? Com este trabalho, eu nunca saio. — Rosemary suspirou e continuou a brincar com a caneta-tinteiro. Era óbvio que tinha outras coisas em mente. — As coisas estão ficando piores na família. O Açougueiro... lembra de don Frederico?... está matando qualquer um que ameace sua autoridade. Isso não é jeito de conduzir a família Gambione. Não estamos mais controlando totalmente o Bairro dos Curingas. Alguém está colocando os curingas contra nós, a Família. Estão sendo usados, claro.

— Os curingas estão sempre sendo usados. Ou são a principal minoria humilhada deste século ou são uma praga a ser erradicada.

— Nômada a encarou com olhos pretos imensos.

Rosemary continuou:

— Eles recebem algo quando pagam pela proteção dos Gambione. É uma tradição que nem mesmo o Açougueiro ousa abandonar. — Ela gesticulou com a caneta. — Continuo pensando

que, se meu pai tivesse um filho para assumir a Gambione, isso não aconteceria. Talvez aquele filho da mãe do Açougueiro sofra um belo acidente. Escorregue na banheira ou algo assim.

— Ele nunca pareceu boa coisa. — Nômada sorriu sem humor. — Mesmo no breve momento em que nos encontramos, não posso dizer que ele deixou uma boa impressão. Se eu ouvir algo, aviso. Em geral, evito o Bairro dos Curingas, mas os ratos gostam de ficar por lá. Há muita comida.

— Me poupe dos detalhes, por favor. — Rosemary estremeceu. — Quer saber o que está deixando minha vida interessante? A primeira coisa que ouço esta manhã é que tem alguns cadernos valiosos rodando por aí. Não sei nem de quem são, mas os Garças os querem. Mas se os Garças querem, eu também quero. Você costuma ouvir de tudo, então, se descobrir alguma coisa sobre isso, eu agradeceria. — Rosemary não encarava o olhar escurecido de Nômada. — Sinto como se eu estivesse te usando, Suzanne, mas você sabe de coisas que ninguém mais sabe. Agradeço por isso.

— Tenho muitos olhos e ouvidos. — Nômada olhou para a janela atrás dos ombros de Rosemary. — Você é uma amiga. Só tenho um outro entre os humanos. E quero ajudar.

— Queria que Jack não fosse tão idiota — reclamou Rosemary. — O que há de errado com aquele cara? — Ela balançou a cabeça, compassiva. — Já pensou em talvez procurar em outro lugar?

— Talvez durante a missão? — Nômada ajeitou os cabelos para trás com os dedos e enfiou o boné na cabeça. Levantou-se e afofou sua saia de Paisley amarfanhada que vestia sobre calças chino. — Ou talvez em bares de solteiros. Eu poderia começar uma nova tendência da moda.

— Desculpe. — Rosemary deslizou da mesa e tocou o ombro de Nômada, que se esquivou da mão dela.

— Fiquei sozinha por anos. Vou sobreviver. Além disso, os gatos ficariam mais felizes. — Nômada mostrou os dentes brancos e afiados. — Qualquer coisa, eu aviso.

Rosemary abriu a porta e acompanhou-a até a sala de recepção.

— Estarei no tribunal em vinte minutos. Ligue se precisar de qualquer coisa, querida.

A mulher recurvada e manca concordou, a cabeça baixa, e prosseguiu. Quando passou pela área da recepção, Goldberg ergueu o olhar.

— Até a próxima. Tenha um bom dia.

Enquanto ele dizia as últimas palavras, Nômada virou a cabeça e o encarou.

— Sim, eu também não acredito que disse isso. — Ele abriu um sorriso amarelo e deu de ombros, desculpando-se, e o telefone tocou novamente. — Tchau.

Descendo as escadas devagar, Nômada se perguntou se Jack já havia encontrado Cordelia. Garotas perdidas, cadernos perdidos. Todos procuravam alguma coisa. Ela, não. Era a vantagem de não se ter nada a perder.

Os curingas começaram a ficar todos iguais.

Assim como os normais, vestidos e maquiados como curingas.

Jack piscou, confuso. Tentar observar todos os rostos que encontrava era como examinar mais de seis fileiras de lombadas de livros na livraria Strand. Depois de um tempo, as cores, os tamanhos, os títulos, todos começavam a se parecer. Ele via cabelos

pretos — mas nunca os certos. Viu chapéus fedora, panamá, de abas ajustáveis, nenhum deles era o certo também.

Na esquina da West 10th, ele quase trombou com um garoto que ia para o outro lado.

— Presta atenção, bichona — falou o rapaz.

Jack o encarou, surpreso.

— Você não me engana — disse o garoto. — Nem tente.

Jack desviou dele, pois era óbvio que o garoto não ia se mover. *Punk*, ele pensou. Um verdadeiro punk — não alguém fantasiado, com moicano e maquiagem. Mais baixo que Jack, o garoto era magrelo como um furão. Rosto encovado, olhos da cor de água de chuva, e com uma aparência rígida, tensa.

— Preste atenção — ele repetiu.

Quando Jack prosseguiu, foi empurrado por um transeunte. Tentando recuperar o equilíbrio, roçou o ombro do rapaz com a mão. O jovem encolheu-se, as mãos erguidas no que parecia uma posição de arte marcial.

— Não encoste em mim, mariconna — o rapaz falou.

Eles se encararam por alguns segundos. Então Jack fez que sim, recuou e virou-se para se afastar. Não olhou para trás, mas teve a impressão de que o garoto continuou encarando-o com aqueles olhos claros, maldosos, e de uma intensidade psicopata.

O Crystal Palace cheirava como qualquer outro bar pela manhã — a fumaça, cerveja derramada e desinfetante. Fortunato encontrou Crisálida em um canto escuro do clube, onde sua pele transparente a deixava quase invisível. Ele e Brennan sentaram-se diante dela.

— Receberam o recado, então — ela falou, no seu sotaque falso de internato inglês.

— Recebi — Fortunato respondeu. — Mas a pista era fria. O Astrônomo pode estar em qualquer lugar agora. Esperava que pudesse ter algo mais para mim.

— Talvez. Você conhece um maluco que se autodenomina “Ceifador”?

— Sim — disse Fortunato. As unhas dele se enterraram inutilmente no acabamento plástico da mesa.

— Esteve aqui uma hora atrás. Sascha fez uma leitura bem clara dele. “Ele vai me matar, cacete. Aquele louco desgraçado.”

— Estava pensando no Astrônomo.

— Exatamente. Esse tal Ceifador parecia completamente transtornado. Tinha um monte de coisas na cabeça, Sascha falou.

— Quer dizer que tem mais coisa? — Fortunato quis saber.

— Sim, mas as próximas informações têm preço.

— Dinheiro ou favores?

— Estamos diretos esta manhã, não é mesmo? Bem, estou inclinada a dizer favores. E, em honra ao feriado, vou até dar uma linha de crédito para vocês.

— Sabe que sou bom nisso — respondeu Fortunato. — Mais cedo ou mais tarde.

— Não gosto de ser a portadora de más notícias, de qualquer forma. O outro pensamento que Sascha ouviu foi “Talvez esteja ocupado demais com os outros”.

— Meu Deus — respondeu Fortunato.

Brennan olhou para ele.

— Acha que ele vai fazer algum tipo de orgia assassina?

— A única coisa que me surpreende é que tenha levado tanto tempo. Deve ter esperado o Dia do Wild Card por algum motivo dramático ou maluco. Tem mais alguma coisa?

— Não sobre o Astrônomo. Mas há outra questão. Essa talvez seja mais da sua alçada, Yeoman. Recebi uma ligação nesta manhã avisando para ficar de olho em um certo caderno roubado. Três, na verdade. Dois deles são fichários com selos raros. Tem um terceiro no qual a pessoa parecia mais interessada. É do tamanho de um caderno de escola normal, azul, com estampas de bambu nele.

— Quem era a pessoa? — perguntou Brennan.

— Não é importante. O que me interessa é o grupo ao qual ela parece pertencer. Levou um pouco de tempo e alguma influência, mas consegui descobrir um nome.

— Qual é o preço? — Brennan quis saber.

— Informação por informação. Acho que se juntássemos nossos esforços nisso, todos se beneficiariam. Mas você não pode me esconder nada. Se esconder, eu saberei.

— Fechado.

— O nome “Sociedade do Punho Sombrio” te diz alguma coisa?

Brennan negou com a cabeça.

— Não muito. Ouvi o nome em Chinatown. Só isso.

— Ok — continuou Crisálida. — Imagine que eu mencione um nome do alto escalão na organização. Ele é conhecido como Brecha. Algum de vocês já ouviu falar?

Fortunato fez que não com a cabeça. Brennan estava com os olhos pregados na mesa.

— Sim — disse ele. — Ouvi falar dele. O nome do cara é alguma coisa Latham. De Latham & Strauss, o escritório de advocacia. A

história é que ninguém sabe se o Wild Card destruiu toda a humanidade dele ou se ele é apenas um advogado muito, mas muito bom.

Crisálida assentiu.

— Uma troca justa. Vamos para outra rodada?

— Você começa — respondeu Brennan.

— Pela mais completa coincidência, recebi outra ligação esta manhã. De um homem chamado Gruber. É dono de uma loja de penhores. Estava preocupado com uns fichários de selos que uma ás tentou lhe vender pela manhã. Parece que ela se chama Espectral. Trabalha como ladra. É só uma garota, e não tem muita noção do que está fazendo. Qualquer um que encontrasse esses cadernos estaria em uma posição de poder imenso.

— Ou acabaria morto — concluiu Brennan.

— Vamos continuar — falou Crisálida. — Sou toda ouvidos.

— Você provavelmente já imaginou o restante — disse Brennan.

— Talvez seja melhor você não mencionar esse nome. É um nome perigoso. Portanto, muito valioso.

— Diga — pediu Crisálida.

— Kien — respondeu Brennan. — Tenho certeza de que Brecha trabalha para Kien. Algo deve ter acontecido, algo grande. Se o Brecha está desesperado pelo caderno, deve ser alguma coisa do Kien, algo realmente importante. E perigoso. E se a Sociedade do Punho Sombrio é de Kien, podem estar infiltrados em qualquer lugar. — Ele se levantou. — É aqui que nosso caminho se divide, meu amigo.

Fortunato apertou a mão dele.

— Obrigado. Se eu descobrir alguma coisa sobre os cadernos, falo contigo.

— Boa sorte — disse Brennan. Quando alcançou a porta da frente, já estava correndo.

Crisálida curvou-se sobre a mesa.

— Esse tal “Ceifador” é valioso para você, então?

— Se puder me levar ao Astrônomo, é, sim.

— Por que não usa seus poderes para encontrar esse Astrônomo?

— Não servem contra ele. Ele causa interferência, como se usasse papel-alumínio para atrapalhar o radar. Eu não conseguiria vê-lo mesmo que estivesse em pé aqui do lado. — Ele apontou, e Crisálida, com olhos temerosos, virou-se lentamente para seguir o dedo de Fortunato.

— Não — disse ela. — Não tem ninguém ali.

Fortunato não estava mais olhando para ela. Formou na mente a imagem de um homem alto, tão magro que beirava o grotesco, com cabelos castanhos e rosto enfurecido. Se o Ceifador estivesse perto o bastante, no raio de alguns quarteirões, Fortunato poderia encontrá-lo apenas concentrando-se.

Ele abriu os olhos.

— Canal Street — falou. — No metrô.

10h

Quando chegou às ruas sinuosas do West Village, Jack começou a se perguntar se deveria seguir na direção do East Side e do Bairro dos Curingas ou continuar no sentido do que era claramente o centro da ação na cidade naquele dia, o Túmulo de Jetboy.

Ao menos estava em um território mais familiar agora. Ao ver uma fachada conhecida em Greenwich, ele fuçou no bolso da camisa e encontrou a foto colorida amarrotada que Elouette havia lhe enviado no Natal anterior. Claro que Cordelia havia crescido, mas a semelhança bastaria.

O bar chamava-se Young Man's Fancy. Era uma espécie de metamorfose social. Quando abria pela manhã, era o ponto de encontro de operários e trabalhadores. Então, por volta das seis da tarde, ele sofria uma mudança de turno e a maré mudava completamente. Durante a noite, o Young Man's Fancy se transformava em um bar gay. De qualquer modo, o Fancy era um dos estabelecimentos mais antigos do Village.

Jack subiu os três degraus em um único passo largo e abriu a porta. Estava escuro lá dentro e seus olhos levaram um tempo para

se acostumar. Ele atravessou o salão retangular, ouvindo o estalar das cascas de amendoim sob os sapatos.

O barman ergueu os olhos da bandeja de copos da Bud que estava secando.

— Posso ajudar?

— Talvez você tenha dado uma olhada pela janela hoje — disse Jack, mostrando a fotografia. — Viu essa garota?

— É policial?

Jack negou com a cabeça.

— Acho que não. — O barman examinou a foto. — Que garota bonita! Sua esposa?

Jack balançou de novo a cabeça.

— Sobrinha.

— Certo — disse o barman. Olhou mais de perto. — Não te vi por aqui umas seis da manhã?

— Provavelmente — Jack falou. — Eu venho aqui. A garota na foto... você a viu esta manhã?

O barman estreitou os olhos, pensativo.

— Não. — Ele lançou um olhar crítico para Jack. — Supondo que seja mesmo sua sobrinha, certo? Está perdida, fugiu ou foi levada?

— Levada. — Jack rabiscou um número em um guardanapo da cerveja Hamms. Nômada havia lhe dado o número direto do gabinete de Rosemary. — Pode me fazer um favor? Se a vir, sozinha ou com alguém, deixe uma mensagem neste número. — Ele caminhou para a porta. — Agradeço muito — disse ele, olhando por sobre o ombro.

— Certo — disse o barman. — De dia ou de noite, qualquer coisa pelo cliente.

O taxista deixou-a na frente do Freakers. O clube estava fervendo, mesmo às dez e vinte da manhã, e o porteiro que a ajudou a sair do táxi parecia estar mais para lá do que para cá. Sua pelagem branca e macia estava despenteada e os olhos vermelhos estavam turvos e brilhantes ao mesmo tempo. Ele apontou para a porta da boate, mas Roleta balançou a cabeça e seguiu na direção do Crystal Palace.

E quase morreu de susto quando as portas duplas se abriram subitamente e uma longa fila de curingas dançando a conga saiu rebolando do meio das coxas da stripper de seis seios de neon que adornava e formava a porta do clube para a rua. Puxando a fila estava uma mulher linda que não tinha problemas com os movimentos sinuosos da dança, pois do pescoço para baixo tinha o corpo de uma serpente colorida. A cauda, que terminava em um incongruente tufo de penas, estava erguida, e o curinga imediatamente atrás dela segurava firme na ponta.

Ele não estava usando máscara, mas era um dos poucos. O restante da rebolante, escandalosa e ruidosa multidão ostentava uma variedade de máscaras de olhos criativas, com penas, joias e lantejoulas, criações horrendas que talvez fossem piores que as deformidades que escondiam. Talvez.

No fim da fila estavam grudados alguns comuns que olhavam animados e um pouco constrangidos, talvez levemente beligerantes, como se desafiassem os curingas que habitavam a Bowery — e traziam grande quantidade de entretenimento excitante e inquietante para os turistas — a discordarem da presença deles ali.

Por um momento, Roleta odiou aqueles que buscavam emoção com seus rostos agradáveis, normais, e sua segurança presunçosa. *Espero que seja contagioso*, veio o pensamento malévolos. *Deus amaldiçoe todos vocês*. Mas o pensamento, na verdade, era sobre Josiah. Josiah, que jurou amá-la e cuidar dela e, em vez disso, abandonou-a quando ela mais precisava dele. Aparentemente, a culpa liberal branca não era suficiente para lidar com uma mulher que tinha o vírus Wild Card. Podia ser contagioso. Ela até conseguia imaginar sua ex-sogra sentada esplendorosamente na mansão em Newport, bebericando chá e discutindo como “*não importa o quanto você instrua essas garotas ‘negras’, quase sempre elas fracassam. Na maioria das vezes elas simplesmente são corrompidas demais, marcadas mental e fisicamente pela opressão do homem branco para se encaixar entre os brancos. Não é uma pena?*”.

Mas ela provavelmente queimou todos os lençóis e cada peça da mobília na casa recuperada após Josiah se divorciar. Vaca santarrona, hipócrita!

Roleta percebeu que estava caminhando às cegas, trombando na multidão que preenchia as ruas do Bairro dos Curingas. O som dos martelos e grampeadores tipo pistola ecoavam no ar já sufocante da manhã, gritos de saudações e insultos dos curingas ocupados que montavam as barracas para a festa que duraria o dia todo, o cheiro de comida (boa e ruim) pairando no ar já carregado com as descargas de escapamento. Lá em cima, um pequeno avião particular roncava, puxando um longo banner no qual se lia: “TRANSFORMAMOS CURINGAS EM ASES. RESULTADOS GARANTIDOS. LIGUE 555-9448”.

Na outra esquina, a Igreja de Jesus Cristo Curinga já tinha uma barraca funcionando, entregava folhetos a qualquer um que se deixasse parar. Seus resultados eram garantidos também, mas no pós-vida. *Acossados por todos os lados*, pensou Roleta, *charlatães para o agora e para o depois. Esperança desesperançada. Bem, meu povo pode dizer tudo sobre isso, e nunca fica mais fácil, até que uma minoria nova e ainda menos popular tome o seu lugar. E não consigo conceber uma minoria mais impopular e abominável do que os curingas surgindo, pobres coitados.*

Havia uma barricada atravessando a Henry Street. Não era lícita, mas Crisálida era uma personalidade no Bairro dos Curingas, e a delegacia da região tinha razões para ser grata à proprietária do Crystal Palace. Mais de um caso difícil foi resolvido pela intervenção dela, então o delegado não faria caso de um pouco de engarrafamento uma vez ao ano. Crisálida também controlava a decoração da rua, de forma que a Henry Street projetasse uma imagem de orgulho cheio de bom gosto, em vez das aberrações que dominavam as outras ruas.

Roleta passou pela barricada e começou a descer a rua. À direita e por cerca de metade do quarteirão, havia um terreno baldio cheio de pilhas de escombros, restos da revolta do Bairro dos Curingas de 1976. O mato pela cintura e algumas árvores novas e robustas erguiam-se entre os montes de tijolos e gesso. Várias pilhas tinham aberturas obscuras, como pequenas bocas bocejantes, e ela cogitou o caso de o lugar haver se transformado em um refúgio para animais. Não conseguia imaginar Crisálida, meticulosa como era, permitindo uma toca de ratazanas crescendo ao lado do seu bar. Enquanto observava, um brilho surgiu do fundo do buraco e logo se

revelou um par de olhos brilhantes circundado por pelos. Mas não era o focinho tímido de um animal que espreitava do esconderijo. Era humano, ou pelo menos *quase*.

Com um sobressalto, Roleta desviou o olhar e acelerou, passando por Aracna, cujas oito pernas compridas estavam trabalhando um fio de seda tirado do seu corpo bulboso, tecendo-o com suavidade para transformá-lo em um dos seus famosos xales de seda de aranha. Sua filha estava trabalhando na barraca, pendurando uma série de cachecóis e echarpes delicadamente tingidos. A maioria dos comuns nunca teria comprado um dos fragmentos de tecido transparente se o visse sendo criado, mas Aracna conseguia uma boa renda oferecendo echarpes para a Saks e a Neiman Marcus. Roleta tinha um, era uma criação delicada cor de pêssego que parecia lançar um pôr do sol sobre seus ombros escuros. Se soubesse que Aracna estaria na Henry Street, a teria usado para mostrar à mulher que ela, ao menos, não se importava com a fonte e que honrava o talento artístico.

Um ruído baixo surgiu e foi crescendo em velocidade e intensidade, terminando com um estrondo espalhafatoso quando Elmo, o segurança residente do Palace, rolou outro barril de metal de cerveja para a rua, onde se juntou a outros iguais a ele, como uma última bola de bilhar atingindo suas irmãs. O segurança, que também tinha o formato de um barril de cerveja, flexionou os ombros, satisfeito, e voltou para dentro em busca de outro.

Crianças corriam para cima e para baixo na calçada, atrás de uma bola de futebol surrada, enquanto no final do quarteirão um jogo de beisebol improvisado havia começado. Os estéreos do gueto lançavam uma cacofonia de música conflitante: soul, rock, country,

música clássica. Crianças choravam e mães chamavam, mas a confusão tinha um senso de serenidade e segurança, um sentimento de família. Em nenhum lugar ela sentia aquele impulso desesperado e enervante de se *divertir* que se apossara da multidão dançante do lado de fora do Freakers. Aquelas pessoas, por mais horrendas que muitas delas fossem, estavam em paz consigo mesmas.

Roleta tirou os olhos da turma de moleques brincando e forçou-se a procurar na multidão uma figura distinta, pequena, de cabelos ruivos. Trinta minutos antes, ela havia passado pela clínica do Bairro dos Curingas, apenas para que a chefe do centro cirúrgico, muito moderna, muito elegante, muito bonita e muito descontente dissesse que o bom doutor não estava, mas sem dúvida poderia ser encontrado fazendo a ronda em um dos diversos bares da cidade. Roleta tentou o Ernie's e o Wally's, bem como a Funhouse, sem sorte, e, naquele momento, o Crystal Palace...

E o encontrou.

Sentado a uma mesa pequena entre muitas outras espremidas na calçada diante do Palace. Uma taça de conhaque levemente erguida entre os dedos longos e magros, balançando o copo com suavidade, de forma que o líquido âmbar se movia graciosamente. Outra figura vítrea estava em pé ao lado do ombro esquerdo dele, mas esta era preenchida com ossos e vísceras que formavam um ser humano, unhas longas pintadas de rosa iridescente, salpicos de purpurina azul prateada sobre uma das bochechas invisíveis. A própria Crisálida.

Chegara o momento. Ela não havia pensado em nada além de simplesmente encontrar o takisiano, mas, agora que o havia

encontrado, o que faria? Desmaiaria? Torceria o tornozelo? Sabia — como todo mundo — da fascinação do alienígena por mulheres bonitas, mas havia muitas mulheres bonitas em Nova York; e se ele já tivesse encontrado companhia para aquele dia? E se não tivesse, como poderia garantir que a escolheria? Tinha beleza, mas não as habilidades que em geral a acompanhavam. Nunca dominou a arte do flerte. E, naquele momento, sentiu uma onda de alívio. Ela passaria por ali; se ele percebesse... bem, então pronto. Ele estaria prestes a encontrar seu destino. Se não... Tentou não pensar no homenzinho encarquilhado espreitando no covil úmido.

Concentrou o olhar na barricada e começou a contar os passos, observando como o solado de borracha crepe dos sapatos parecia se descolar do concreto, e a maneira que suas calças farfalhavam contra os tornozelos, e o roçar dos cabelos trançados contra...

— Acho que você é um idiota. — Crisálida enunciava as palavras lentamente, com seu sotaque britânico bem pronunciado. — Todo ano você começa aqui, tomando seu primeiro brandy do dia, permanece sóbrio o suficiente para fazer o seu discurso, começa a se encharcar de cerveja no jogo, mantém sua dieta líquida no jantar de Hiram e então, para tomar a saideira perfeita do dia, acaba de volta aqui, bêbado como um gambá, culpado e deprimido. Por que não aceita meu conselho e...

— Todo ano você me dá o mesmo conselho — disse Tachyon, em um contraponto cadenciado.

— Vá para Miami — eles concluíram, em coro.

O sorriso de Tachyon se desfez.

— Como posso ir embora? As notícias horríveis sobre o Uivador e nenhuma pista do assassino.

— Você não é policial. Deixe isso para os profissionais. — O alienígena balançou a cabeça teimosamente. — Tachy, você não precisa participar desta celebração anual do grotesco. O Bairro dos Curingas sabe que você se importa com ele. Não vamos te odiar por se ausentar em um de trezentos e sessenta e cinco dias.

— Mas não neste dia. Eu preciso estar aqui. — Sua garganta trabalhava, levando abaixo outro grande gole do conhaque. — É minha penitência. — Sua voz estava rouca, talvez, pelos efeitos da bebida.

— Você é um idiota — disse Crisálida novamente, com suavidade, e deu um apertão no ombro dele com sua mão transparente.

Roleta, observando fascinada os ossos brancos dos dedos contra o tecido vermelho rubi profundo do casaco de Tachyon, teve a impressão difusa de que era a Morte pairando ao lado do homem. Lentamente, ela levou a mão diante do rosto e a examinou. A maneira como os tendões se moviam por baixo da pele marrom, as meias-luas brancas embaixo das unhas com base, a pequena cicatriz no dedo indicador que ela havia cortado durante uma aula de culinária quando tinha apenas seis anos. Então, olhou de volta para Crisálida, que, naquele instante, desaparecia pelas portas do Palace, e pensou: *Eu devia parecer com ela, sou a Morte.*

Sentiu um toque frio contra a pele escoriada do seu rosto. Uma âncora. Ela se sobressaltou, seus olhos se arregalaram, e ela olhou para baixo, dentro dos olhos lilás e preocupados do takisiano.

— Senhora, está tudo bem? Parecia que estava prestes a desmaiar.

— Sim... não... estou bem — balbuciou ela.

A força do braço dele em torno de sua cintura era estranhamente incoerente com suas feições delicadas.

— Sente-se aqui.

A beirada de metal da cadeira bateu na dobra do seu joelho, e ela se esparramou, percebendo como estivera próxima do desmaio. A taça de conhaque dele foi colocada na sua mão.

— Não.

— É um método comprovado, mesmo que um pouco ultrapassado, contra desmaios.

Seus sentidos voltavam aos poucos, e ela se endireitou na cadeira.

— E eu sou ultrapassada o suficiente para considerar cedo demais para conhaque.

Ela observou, surpresa, quando uma onda de rubor tomou o rosto magro de Tachyon, e os cílios ruivos desceram para esconder o constrangimento naqueles olhos púrpura. Ele rapidamente tomou o copo e deixou-o bem longe dos dois, como se renunciasse ao álcool.

— Você está certa. Crisálida está certa. É cedo demais para eu me embriagar. O que a senhora gostaria de beber?

— Um suco. Eu... acabei de lembrar que não tomei nada além de café hoje.

— Bem, claro que isso não ficará assim, e pode ser facilmente corrigido. Um momento, por favor. — Ele saltou da cadeira e apressou-se para dentro do Palace.

E Roleta descansou a cabeça em uma das mãos e tentou reajustar os pensamentos. Ou, talvez, realmente pensar pela primeira vez. O homem que arruinou sua vida era um esboço confuso. Ela não esperava que ele fosse tão pequeno ou que tivesse um sorriso tão

doce, ou uma cortesia incomum que parecia mais apropriada para uma sala de estar do século XVIII.

E Hitler amava criancinhas e animaizinhos, ela se recordou. Seus olhos pousados em um dos jogadores de beisebol, um garotinho cujo corpo inchado descansava sobre pés estreitos com dedos membranosos, e cujos braços de nadadeira batiam empolgados quando a bola era arremessada. *O crime é monstruoso demais e a morte dele não aliviará apenas o meu sofrimento.*

Ele voltou, pousando um copo de suco de laranja diante dela. Observou enquanto ela bebericava, com a cadeira inclinada, pés com botas apoiados sobre a mesa. Ele parecia confortável com o silêncio, algo com o que ela não estava acostumada nos homens. A maioria parecia precisar de uma tagarelice constante das mulheres à sua volta, como que para reafirmar sua importância.

— Melhor?

— Muito.

As pernas dianteiras da cadeira baixaram com um baque.

— Então, apresentações seriam adequadas agora... Sou o dr. Tachyon.

— Roleta Brown-Roxbury.

— Roleta — repetiu ele. — Nome incomum.

Ela girou o copo, deixando um círculo de água na mesa.

— Tem uma história. — Ela olhou para a frente e encontrou os olhos dele pousados com interesse inquieto no rosto dela. — Minha mãe era alérgica à maioria dos métodos contraceptivos, então meus pais optaram pela tabelinha. Papai disse que era como brincar de roleta-russa, e quando o inevitável aconteceu, decidiram me chamar de Roleta.

— Encantador. Nomes deveriam dizer algo sobre a pessoa ou sobre suas origens. São como histórias que seguem a cada geração. Mas eu disse alguma coisa que a ofendeu.

Roleta forçou seu rosto de volta a uma expressão de calma.

— Não, de modo algum.

Ela voltou a contemplar o anel de água sob o copo, e o silêncio pousou lentamente sobre eles, fazendo com que os gritos das crianças e o martelar ficassem mais altos.

— Doutor...

— Senhora...

Os dois começaram juntos, e se acomodaram nas cadeiras, constrangidos.

— Por favor. — Ela fez um gesto em direção a ele. — Pode falar.

— Estava pensando no que trouxe a senhora para o Bairro dos Curingas hoje. Falta na senhora a curiosidade culpada ou a avidez mórbida que motiva a maioria dos comuns.

— Vim mergulhar um pouco mais em desespero — ela se ouviu dizer, e aquela parte mais obscura de sua alma a xingou de estúpida. Que homem ia querer passar o dia com uma mulher mórbida e chorona?

A mão dele fechou-se sobre a dela, apertando seus dedos, e a dor pareceu fluir entre eles.

— Então, vamos mergulhar juntos. Se quiser — adicionou ele rapidamente, como se temeroso de ofendê-la. — Este dia é... difícil... para mim. Seria mais fácil na sua companhia.

— Não tenho nenhum conforto para dar.

— Não peço conforto. Apenas companhia. — Os dedos dele roçaram de leve a bochecha escoriada dela. — E, talvez, se desejar,

eu possa confortá-la.

— Talvez. — E, no seu lugar secreto, a Morte se revelou... apenas um pouco.

As pessoas espremiavam-no de todas as direções. As calçadas estavam lotadas de curingas fantasiados e comuns que olhavam para todos os lados. Ele se movia na mesma velocidade e direção da multidão, deixando-se levar. Não havia motivo para chamar atenção para si mesmo. O Astrônomo poderia estar em qualquer lugar, e em geral estava.

Spector não precisava ficar na Times Square por mais de uma hora. Não queria aparecer antes da hora; poderia fazê-lo parecer ansioso demais. A parada no Bairro dos Curingas era o lugar mais seguro em que pôde pensar para passar o tempo.

Na rua, uma banda começou a tocar “Jokertown Strutters Ball”. Spector estava começando a se sentir claustrofóbico. Seguiu para as margens da multidão. Um mímico de três olhos, vestindo calças brancas apertadas, bloqueou seu caminho e sinalizou para que ele parasse. Spector ficou tenso. O mímico franziu o cenho de forma exagerada, então deu um passo para o lado e gesticulou para que ele passasse. Spector deu uma boa cotovelada na barriga dele. Sorriu enquanto o curinga se dobrava. Odiava mímicos.

Spector estava agradecido pela sua dor constante. Ela o distraía o suficiente para não conseguir se concentrar no cheiro de centenas de curingas suados. No fim do dia, muitos comuns ficariam esverdeados pelo aroma de peixe morto.

Conferiu seu relógio digital. Ele o tinha tirado de um jovem traficante que matara no distrito financeiro, na semana anterior.

Passava apenas um pouco das dez e meia. O dia, como a parada, estava se arrastando. Não sentia tanto medo desde a primeira vez que encontrou o Astrônomo. O velho havia dito a ele que juntos dominariam o mundo. Que ele seria cachorro grande na nova ordem mundial. Tudo bobagem. Os ases locais haviam impedido e arruinado tudo. Ao menos o Astrônomo iria pegá-los também. *Espero que acabe com Tachyon bem devagar*, Spector pensou.

Saiu da multidão e rumou para um beco. O lixo estava espalhado em grandes pilhas. Três passos para dentro e ele ouviu o uivo. Spector parou e olhou para cima. O Astrônomo, sorrindo, flutuava na direção dele.

— Eu disse a você o que aconteceria, Ceifador. Você teve a sua chance. — O Astrônomo uivou novamente, um grito gutural, inumano.

Spector virou-se e correu na direção da multidão, empurrando as pessoas, jogando-as no chão. Ignorou as ameaças e os improperios, abrindo caminho para a rua. Desviou dos assustados membros da banda, então passou pelo carro alegórico do Tartaruga e se embrenhou na massa de pessoas do outro lado. Estava com medo de olhar para trás.

Um policial o agarrou pelo braço. Spector deu uma joelhada no meio das pernas dele e o jogou de lado. As pessoas à volta gritavam. Ele mal conseguia respirar.

— Estou bem atrás de você. — A voz do Astrônomo estava próxima.

Spector virou-se. Ele pairava ao lado do policial, que havia erguido a pistola para atirar. Luzes azuis saltavam da mão direita

do Astrônomo, ligando-a à arma. A pistola explodiu, cobrindo de estilhaços o policial e os espectadores. Mais gritos.

Ele tropeçou em uma lata de lixo e caiu com tudo no concreto da calçada, ralando as mãos. Ergueu-se devagar, os joelhos bambos. Sentiu mãos agarrando seus ombros, dedos enterrando-se com toda a força na sua carne. Ele não conseguia se desvencilhar.

— Não. — A voz de Spector soou como a de Gruber mais cedo naquele dia.

O Astrônomo abriu uma das mãos e agarrou-o pelo topo da cabeça.

— Olhe para mim quando eu falo, Ceifador. — Spector sentiu sua cabeça sendo girada. Sentiu uma estocada de dor insuportável, um estalo, e sua boca se encheu de sangue. O Astrônomo sorriu para ele. — É Dia do Juízo Final.

O barulho correu através da multidão atrás dele. O Astrônomo virou-se, distraído-se com algo, e soltou Spector como um saco de lixo.

Seu corpo estava paralisado; ele não conseguiu evitar a queda. Aterrissou com a cara na calçada, esmagando boca e nariz. Observou a poça de sangue que se alastrava a partir de sua boca aberta. Era hora de morrer, de novo. Ao menos não precisaria ver ou sentir o que estava prestes a acontecer com ele.

Lado a lado e colados nas traseiras uns dos outros, os carros alegóricos ocupavam um quarteirão e meio da Center Street, ao sul do Canal. Fortunato conseguia ver Des, o curinga com cara de elefante, enfeitado com tela de arame e flores. Havia o dirigível do dr. Tod e o avião do Jetboy atrás dele, ambos com decoração floral.

Um balão de plástico transparente de Crisálida também flutuava por ali.

Era bem no coração do Bairro dos Curingas e não havia muitos turistas ali. Os turistas que iam tão longe não levavam os filhos. Motoristas de macacão estavam em pé ao lado dos carros alegóricos, fumando e conversando. A pior parte da multidão parecia estar se movendo na mesma direção que Fortunato, para algo que estava acontecendo mais adiante.

Metade do quarteirão à frente ele conseguiu ver as linhas de força no ar. Como ondas quentes, reluzentes, distorcendo tudo que estava em volta. Era uma assinatura que não era de fato uma assinatura, um conjunto de marcas de borracha psíquicas. Ele as vira pela primeira vez dezessete anos atrás, na sala de um rapaz morto, não muito longe dali, onde mulheres eram brutalmente esquartejadas como parte de uma conspiração que terminou com uma monstruosidade imensa e devoradora, chamada TIAMAT, orbitando em torno do sol.

Ele estava aturdido, e seu pulso acelerado. Percebeu que estava assustado, de verdade, aterrorizado dos pés à cabeça, pela primeira vez em dezessete anos.

Criou uma barreira de energia à sua frente e correu para o lugar onde as linhas se uniam. As pessoas eram empurradas para longe dele, gritando, mas incapazes de tocá-lo.

Ceifador gritou. Mesmo com o alarido da multidão, Fortunato conseguiu ouvir o estalido de ossos e cartilagem destroçados e o baque seco de um corpo batendo na calçada.

Quando atravessou a muralha de pessoas, elas já estavam se virando, tentando sair do caminho. Alguém puxou um policial

ferido, a mão direita preta, queimada, o rosto salpicado de sangue. Havia um círculo de cerca de três metros na calçada, vazio exceto pelo Ceifador.

Ele estava deitado de costas, as lapelas do terno cinza e o colarinho aberto de sua camisa amarrotada à mostra. A cabeça estava totalmente torcida, o rosto amassado contra o pavimento. O sangue corria da boca e do nariz.

Um homem na multidão gritava.

— Lá! Ele está bem ali! Está fugindo! Peguem ele, pelo amor de Deus!

Ele apontava para o nada. Tudo que Fortunato conseguia ver era um borrão de rostos, como se estivesse tentando olhar longe demais para um lado, mesmo que estivesse olhando para a frente.

Estou sofrendo interferência, ele pensou. Concentrou seu poder e reduziu a velocidade do tempo, até que a voz do homem e os gemidos de pavor e nojo ao seu redor caíssem a um nível de murmúrio subsônico. Um tornado de energia psíquica o cercava no caos congelado, o poder do Ceifador, o próprio poder de Fortunato, a energia viral dos curingas. Era desesperador.

Ele se soltou e o tempo voltou à velocidade normal. Não havia nada que pudesse fazer. O Ceifador estava morto. Não era uma grande perda.

A maioria das informações que ele tinha sobre o Ceifador era de segunda ou terceira mão, recolhida de policiais e espectadores após a confusão no Mosteiro. Era um perdedor, um fracassado de classe média que foi pego pelo Wild Card e morreu na clínica de Tachyon. O doutor o trouxe de volta à vida, e o Ceifador nunca o perdoou por isso.